



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGANT)

WANDERSON CARLOS LIMA DA SILVA

**RELAÇÕES SOCIAIS E CONFLITOS: AS DIMENSÕES DA ORGANIZAÇÃO  
SÓCIO-POLÍTICA DA CAPOEIRA EM TERESINA**

TERESINA

2020

**RELAÇÕES SOCIAIS E CONFLITOS: AS DIMENSÕES DA ORGANIZAÇÃO  
SÓCIO-POLÍTICA DA CAPOEIRA EM TERESINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Celso de Brito

TERESINA

2020

WANDERSON CARLOS LIMA DA SILVA

**RELAÇÕES SOCIAIS E CONFLITOS: AS DIMENSÕES DA ORGANIZAÇÃO  
SÓCIO-POLÍTICA DA CAPOEIRA EM TERESINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Antropologia da Universidade Federal do Piauí como  
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Antropologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Celso de Brito – PPGANT/UFPI  
Presidente

---

Prof. Dr. Ricardo Cesar Carvalho Nascimento – PPGAS/UNILAB  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Sérgio Gonzalez Varela – Faculdade de Antropologia/UASLP  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento – PPGANT/UFPI  
Membro Interno/Suplente

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras Serviço  
de Processos Técnicos

S586r Silva, Wanderson Carlos Lima da.  
Relações sociais e conflitos : as dimensões da organização sócio-política da capoeira em Teresina / Wanderson Carlos Lima da Silva.  
-- 2021.  
81 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Teresina, 2021.

“Orientador: Prof. Dr. Celso de Brito.”

1. Conflitos sociais – Teresina (PI). 2. Capoeira – Aspectos sociais. 3. Institucionalização de conflitos sociais. I. Brito, Celso de.  
II. Título.

CDD 303.681 22

## RESUMO

O objeto de pesquisa desse trabalho são as relações estabelecidas entre os grupos de capoeira da cidade de Teresina, sobretudo, as relações construídas pelo Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) e a Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC). Ao adentrar na realidade desses grupos, em seus treinos, rodas e eventos de várias finalidades, realizados de maneira independente e/ou em parceria com outros grupos, tive a possibilidade de compreender que as relações contemporâneas entre os membros da “comunidade da capoeira de Teresina” se constitui de maneira processual, principalmente, em torno da gestão da violência e/ou do conflito. O primeiro capítulo tenciona demonstrar como se constituiu a delimitação do campo de pesquisa, a metodologia desenvolvendo uma categoria central para análise das relações entre os grupos, que é o conflito. Já o segundo, procura compreender a realidade histórica de constituição da capoeira de Teresina, demonstrando como as relações se constituíram e definem a organização social da capoeira dessa cidade. O terceiro capítulo foca na sistematização dos mecanismos organizacionais que organizam os grupos, tendo como ponto central o sistema de graduação, para em seguida demonstrar que as relações extrapolam os limites da normatização. O posicionamento metodológico, que teve como fio condutor a etnografia, foi construído ao longo da pesquisa com a minha participação ativa na realidade do GMC e da ACMC, o que me permitiu observar, participar e intervir em diversas “situações sociais”, e teve como objetivo compreender como as relações de conflito se estabelecem e como elas se regulam e são reguladas na “comunidade da capoeira de Teresina”.

**Palavras chave:** Pancadaria; Conflito; Parceria; Institucionalização; Bandeira.

## ABSTRACT

The object of research of this work is the relations established between the capoeira groups of the city of Teresina, mainly, the relations built by the Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) and the Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC). Upon entering the reality of these groups, in their training, circles and events of various purposes, carried out independently and / or in partnership with other groups, I had the possibility to understand that the contemporary relations between the members of the “capoeira community of Teresina” is constituted in a procedural way, mainly around the management of violence and / or conflict. The first chapter intends to demonstrate how the delimitation of the research field, the methodology was constituted and to develop a central category for the analysis of the relations between the groups, that the conflict. The second, on the other hand, seeks to understand the historical reality of the constitution of capoeira in Teresina, demonstrating how the relations were constituted and define the social organization of capoeira in that city. The third chapter focuses on the systematization of the organizational mechanisms that organize the groups, having the graduation system as the central point, and then demonstrating that the relations go beyond the limits of the norms. The methodological positioning, which had as its guiding thread the ethnographic, which was being built throughout the research with my active participation in the reality of the GMC and the ACMC, which allowed me to observe, participate and intervene in several “social situations”, and aimed to understand how conflict relations are established and how they are regulated and regulated in the “capoeira community of Teresina”.

Key words: Bakery. Conflict. Partnership. Institutionalization. Flag

## LISTA DE SIGLA

**ABADÁ-CAPOEIRA** - Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento à Arte Capoeira

**ABCAL** - Associação Brasileira de Capoeira Arte de Luanda

**ABMC** - Associação Beira Mar Capoeira

**ACCEB** – Associação Cultural de Capoeira Escravos Brancos

**ACCO** - Academia de Capoeira Cordão de Ouro

**AD** – Axé Dedê

**ACMC** – Associação Cultural Movimentação Capoeira

**BGC** - Balanço da Ginga Capoeira

**CA** – Capoeira Angola

**CC** – Capoeira Contemporânea

**CCRC** – Centro de Convivência Rita de Cassia

**CDB** – Capoeira Dedé Brasil

**CDO** – Grupo Cordão de Ouro

**CEFOL** – Centro de Folclore e Arte Popular de Caxias-Maranhão

**CN/E** – Capoeira Nacionalizada e/ou Esportiva

**CNPJ** – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

**CR** – Capoeira Regional

**ECMB** – Escola de Capoeira Mestre Bobby

**FMC** – Fundação Monsenhor Chaves

**FPC** – Federação Paulista de Capoeira

**FPC** – Federação Piauiense de Capoeira

**GCAIG** – Grupo de Capoeira Angola Irmãos Guerreiros

**GCAP** – Grupo de Capoeira Angola Pelourinho

**GCAZ** – Grupo de Capoeira Angola Zimba

**GCC** – Grupo Capoeira Contemporânea

**GCO** – Grupo Capoeira de Obaluaê

**GJ** – Grupo Jongô

**GMC** – Grupo Muzenza de Capoeira

**GMo** – Grupo Mocambo

**GNL** – Grupo Nova Lua

**GP** – Grupo Palmares

**GRB** – Grupo Raízes do Brasil

**GRC** – Grupo Recriart Capoeira

**GS** – Grupo Senzala

**MEG** – Memorial Esperança Garcia

**NGC** – Nação Griô Capoeira

**OAB** – Ordem dos Advogados do Brasil

**PAER** – Parque Ambiental Encontro dos Rios

**PMT** – Prefeitura Municipal de Teresina

**PPGANT** – Programa de Pós-Graduação em Antropologia

**PRONATEC** – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

**PSDB** – Partido da Social Democracia Brasileira

**PT** – Partido dos Trabalhadores

**RC** – Recriart Capoeira

**SECULT** – Secretaria de Cultura do Estado

**SEPLAM** – Secretaria de Planejamento

**SESC** – Serviço Social do Comércio

**UC** – Ubatã Capoeira

**UESPI** – Universidade Estadual do Piauí

**UFPI** – Universidade Federal do Piauí



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1. COMPRANDO O JOGO: CAPOEIRAS, CONFLITOS E METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 ENTRANDO EM CAMPO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 METODOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 A GESTÃO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ENTRE OS CAPOEIRISTAS DE TERESINA .....</b>	<b>22</b>
<b>2. CONFLITOS DE ORIGEM.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 A CAPOEIRA NA CIDADE DE TERESINA .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA CAPOEIRA DE TERESINA .....</b>	<b>37</b>
<b>2.3 FORMAÇÃO DE UM GRUPO.....</b>	<b>44</b>
<b>3. GESTÃO/INSTITUCIONALIZAÇÃO DE CONFLITOS E HIERARQUIA .....</b>	<b>54</b>
<b>3.1 QUADRO GERAL DO SISTEMA DE GRADUAÇÃO.....</b>	<b>55</b>
<b>3.2 DEVERES E DIREITOS DE CADA GRADUAÇÃO .....</b>	<b>61</b>
<b>3.3 OS CAMPEONATOS: AS DISTINTAS GRADUAÇÕES NAS COMPETIÇÕES .....</b>	<b>69</b>
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>80</b>

## INTRODUÇÃO

O universo da capoeira é extenso, lapidado cotidianamente a partir de relações formais e/ou informais que se desencadeiam em conflitos, negociações, *parcerias*, segmentações e contratos, possibilitando a emergência de uma multiplicidade de formas de idealização, de prática, de organização, de vertentes, de modalidades, de linhagens, de escolas e *bandeiras*. Nesse processo histórico a capoeira foi se especificando em cada contexto, a partir da ação de vários atores em distintas dimensões da vida social, política, cultural e religiosa do Brasil.

O objeto de pesquisa desse trabalho são as relações estabelecidas entre os grupos de capoeira da cidade de Teresina, sobretudo, o Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) e a Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC). Ao adentrar na realidade desses grupos, em seus treinos, suas rodas e eventos de várias finalidades, realizados de maneira independente e/ou em parceria com outros grupos, tive a possibilidade de compreender que as relações contemporâneas entre os membros da “comunidade da capoeira de Teresina” se constitui de maneira processual, principalmente, em torno da gestão da violência e/ou do conflito.

Através dos relatos colhidos em campo com os interlocutores e da análise da literatura sobre a tema, observa-se que a busca pela *auto-afirmação*, enquanto um bom capoeirista e/ou grupo de capoeira se dava através de relações em que a violência física se materializava nas rodas, por meio, do que os capoeiristas denominam de *pancadaria*. Os jogos com essas características não deixaram de ser realizados nas rodas, seja naquelas compostas por capoeiristas de apenas um grupo, seja nas rodas compostas por membros de mais de um grupo. Todavia, a partir do processo de institucionalização e burocratização dos grupos, reflexo das pressões da sociedade teresinense e da busca desses grupos por uma legitimação social, a *pancadaria* foi sendo cada vez mais evitada, passando por um processo de regulamentação e desportivização.

Assim, como Norbert Elias demonstra ao estudar o *Rugby* e o Futebol na Inglaterra no início do século XIX, percebe-se que ao longo do desenvolvimento, expansão e institucionalização da capoeira na capital piauiense, houve por parte dos capoeiristas um gradativo aumento da sensibilidade em relação a violência, a diminuição das rodas com *pancadaria*, a promoção de campeonatos de capoeira e, sobretudo, a hierarquização dos capoeiristas pelo *sistema de graduação*, que, em resumo, distribui de maneira gradual, os direitos, os deveres e as funções.

O problema de pesquisa se constitui a partir da seguinte questão: quais são os processos e mecanismos de organização que emergem das relações conflituosas entre os capoeiristas em Teresina? Esse questionamento proporcionou a reflexão sobre a realidade das relações da “comunidade da capoeira de Teresina” de maneira diacrônica e sincrônica, cuja finalidade é compreender a partir das relações entre os capoeiristas os processos e mecanismos de organização que são construídos para gerir a violência e/ou o conflito na referida comunidade. Atualmente a capoeira de Teresina se caracteriza pela pluralidade, multiplicidade, autonomia e/ou independência dos grupos, que se *auto identificam* como membros de modalidades distintas, se constituem, se organizam e agem a partir da mobilização de princípios presentes na Capoeira Angola (CA), na Capoeira Regional (CR) e, nas outras modalidades subsequentes a essas, como a Capoeira Contemporânea (CC) e a Capoeira Nacionalizada/Esportiva (CN/E).

Para entender esse universo complexo e heterogêneo, o presente trabalho se organiza em três capítulos:

O primeiro capítulo tencionou refletir sobre os pressupostos teóricos e metodológicos que foram usados e construídos ao longo da pesquisa, tendo como foco principal, a minha entrada em campo e as percepções que me levaram a construir a problemática já citada.

O segundo capítulo objetivou compreender a organização da “comunidade da capoeira de Teresina”. Faço opção por dividir esse capítulo em três tópicos: o primeiro retrata a história da capoeira de Teresina desde seu processo de emergência até a consolidação e institucionalização de sua prática; o segundo objetiva analisar como as relações se estabeleceram e quais os processos e mecanismos de organização que surgiram para gerir a violência e o conflito na “comunidade da capoeira de Teresina”; por fim, o último tópico foca na formação da Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC) e do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC).

O terceiro capítulo também se organiza em três tópicos, tendo o primeiro a pretensão de demonstrar esquematicamente como é idealizado pelas diferentes *bandeiras o sistema de graduação*. O segundo item objetiva compreender como é constituído os direitos e deveres de cada graduação nas relações entre os capoeiristas, ao passo que o terceiro visa compreender a ação dos capoeiristas na organização e na operacionalização dos campeonatos.

Por fim, as considerações finais demonstram que as relações entre os capoeiristas passaram por intenso processo de desportivização, que ocasionou a mudança de perspectiva em relação a violência nos jogos e nos processos de legitimação individual e coletiva.

## 1. COMPRANDO O JOGO: CAPOEIRAS, CONFLITOS E METODOLOGIA

A formulação das prerrogativas básicas (problema, objetivos, objeto, metodologia e teoria) que permitem a realização de uma pesquisa em Antropologia, é tema de discussão que atravessa gerações de antropólogos (as), desde os clássicos até os autores contemporâneos. Não existe um manual que conduza o pesquisador para a maneira adequada de se conduzir uma pesquisa dessa natureza e, é nesse sentido que o presente capítulo foi elaborado, tendo como intenção, refletir sobre a construção dos princípios teóricos-metodológicos que foram sendo construídos ao longo do desenvolvimento desse trabalho.

O capítulo se divide em três tópicos, sendo o primeiro construído para detalhar como ocorreu o percurso que me fez escolher o GMC e APMC como principais objetos para analisar os *modus operandi* e os mecanismos de funcionamento socialmente reconhecidos pela “comunidade da capoeira de Teresina”.

O segundo tópico, por sua vez, objetiva esclarecer como foi construído o aparelho metodológico que possibilitou a condução da pesquisa ao longo das vivências que tive com os dois grupos supracitados e com os demais atores da capoeira da capital piauiense. A etnografia foi o aparato metodológico condutor de todas as etapas da pesquisa, se construindo a partir da perspectiva teórica-metodológica do Núcleo de Antropologia da Política (NUAP), que permite a problematização de paradigmas acadêmicos consolidados e procura compreender as relações entre os capoeiristas a partir de seu olhar, do “olhar nativo”, possibilitando assim, construir novos recortes sobre essa realidade.

O terceiro e último tópico, pretende aprofundar um conceito que surgiu ao longo das análises da realidade desse contexto e que é central para a compreensão da organização sociopolítica dessa comunidade, que é o conceito de “conflito”.

## 1.1 ENTRANDO EM CAMPO

Entrei no Mestrado em Antropologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, com um projeto, cuja temática, tinha como finalidade dar prosseguimento a minha pesquisa de monografia, intitulada “Eu me criei na palha do coco deixando o vento me balançar: a identidade do Grupo Mangacrioula<sup>1</sup> de Teresina-PI” (2016). Todavia alguns impedimentos me levaram a ter que escolher outro tema de pesquisa: 1 – meu afastamento, e do meu companheiro de graduação e de mestrado, Childer Nataniel, da organização do Grupo Mangacrioula, que ocasionou uma crise identitária e organizacional, prejudicando a continuidade das atividades do referido grupo; 2 – por não conseguir um afastamento epistemológico necessário para elaborar uma problemática que pudesse compreender a realidade de tal grupo no momento.

A mudança de tema e objeto de pesquisa está relacionada, portanto, aos projetos culturais e acadêmicos do qual eu participava. Nessa época eu fazia parte do projeto de extensão intitulado “Rituais afro-brasileiros: Corpo, Música e Religiosidade na Capoeira Angola e no Tambor de Crioula” e do Grupo de Antropologia da Política (GAP-UFPI), ambos coordenados pelo Professor Celso de Brito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt-UFPI).

No projeto de extensão realizava duas funções: 1 - Ministrava junto com os membros do Grupo Mangacrioula o “Minicurso Reflexões antropológicas sobre a performance ritual do Tambor de Crioula” que se dividia em encontros teóricos e práticos; 2 – Era monitor e participava dos treinos (e também dos encontros teóricos) de Capoeira Angola (CA). No GAP tinha a função de discutir os textos, ora apresentando, ora debatendo os mesmos após a explanação dos outros membros do grupo.

Foi nesse contexto no qual transitava entre a pesquisa e a prática do Tambor de Crioula e da Capoeira Angola e focava as atenções para a pesquisa da Antropologia da Política, que surgiu a ideia de estudar algo relacionado as manifestações culturais de Teresina, sobretudo, as afro-brasileiras. De certa maneira, essa predisposição dava continuidade a linha de pesquisa que eu vinha construindo desde a graduação e coadunava com a linha de pesquisa de meu orientador, o Professor Celso de Brito.

---

<sup>1</sup> O Grupo Mangacrioula é um grupo de tambor de crioula que surgiu na cidade de Teresina, no dia 24/10/2013, no Espaço Pé de Manga que fica localizado no Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL-UFPI). Tal grupo tem como objetivo salvaguardar, em primeiro lugar, a cultura popular do tambor de crioula, bem como outras manifestações, entre elas, o bumba meu boi e o samba, por meio de apresentações, oficinas, minicursos e palestras. É preciso esclarecer que sou integrante desse grupo desde sua fundação.

Um espaço que ficou em evidência para a escolha de uma temática de pesquisa, foi o Memorial Esperança Garcia<sup>2</sup> (MEG), especialmente porque este trata-se de uma importante instituição que organiza, incentiva e defende administrativamente movimentos políticos e culturais negros do Estado do Piauí. Atualmente é mantido pelo governo do estado por meio da Secretaria de Cultura (SECULT) desde a promulgação da lei 5.311 de 17 de setembro de 2003, assinada pelo Governador Wellington Dias e é coordenado por Antônia Aguiar, que é membro do movimento cultural e político Coisa de Negô.

No MEG<sup>3</sup> a capoeira é a manifestação que mais se destaca, uma vez que existem quatro grupos realizando suas atividades na instituição, e esses grupos são: o ABADÁ-CAPOEIRA; Grupo Cordão de Ouro (CDO); Grupo Muzenza de Capoeira (GMC); e Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC). Sabendo disso, e por incentivo de meu orientador, decidi então pesquisar algo relacionado a capoeira nesse local.

Em uma de minhas primeiras visitas ao MEG Antônia Aguiar me forneceu os números de telefones dos responsáveis por cada um desses grupos e ao entrar em contato com eles, todos se mostraram disponíveis a participar da pesquisa. Após conversar com todos os responsáveis, optei por pesquisar apenas a realidade da Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC) e do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC). Essa delimitação teve origem na identificação inicial de dois processos segmentares presentes na “comunidade de capoeira de Teresina” que possibilitaram a constituição desses dois grupos, que é a segmentação de Mestre Cebola do ABADÁ-CAPOEIRA que possibilitou a formação da ACMC e a filiação de Mestre Jabiraca e do Grupo Mocambo (GMO) ao GMC. Esses dois processos segmentares estão presentes na formação de boa parte dos grupos de Teresina e, a partir da análise genealógica

---

<sup>2</sup> O MEG foi inicialmente uma entidade subordinada a Secretaria de Educação do Estado que servia como uma unidade escolar denominada de Domingos Jorge Velho, bandeirante que colonizou o Piauí e é tido como um assassino de Índios e Negros. Antes de se chamar Memorial Esperança Garcia a instituição recebia o nome de Memorial Zumbi dos Palmares e, segundo Antônia Aguiar foi só após a reforma e reabertura da instituição em 2017, que o movimento negro em reunião decidiu chamar o espaço de Memorial Esperança Garcia, em homenagem a Esperança Garcia, uma escrava de fazendas de gado do interior do Piauí no século XVIII. Por ser uma escrava que sabia ler e escrever, Esperança Garcia ficou conhecida por ter enviado uma carta aos representantes do governo da época denunciando os maus tratos que sofria por parte de seus patrões. Assim, ela foi reconhecida pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) como a primeira mulher negra advogada do Estado do Piauí e o dia da consciência negra desse Estado, a partir da Lei nº 5.046 de 7 de janeiro de 1999, é comemorado no dia 6 de setembro, dia em que a carta foi entregue as autoridades.

<sup>3</sup> Nesse espaço, grupos de hip hop, de dança afro-brasileira, de pesquisa quilombola, de movimento de mulheres negras e de religiões afro-brasileiras, assim como a Capoeira, realizam suas atividades cotidianamente. Além dessas atividades o Memorial faz parceria com outras instituições Estaduais, como o Governo Federal, por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – Pronatec, e com instituições estaduais, como a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) que já ofereceu curso de Yorubá (língua de matriz africana) nas dependências do MEG.

que deu origem a esses grupos, entendi ser possível compreender sistematicamente a organização linear da capoeira da cidade. Essa perspectiva de elaborar uma árvore genealógica da capoeira de Teresina, não é mais interesse dessa pesquisa, todavia, os dois grupos ainda são os principais objetos de análise.

Inicialmente mantive conversas regulares com Formando Zudu da ACMC que resultou no acerto de um encontro com ele nas dependências do MEG, no entanto, por estar realizando outra atividade, o mesmo não pode comparecer, mas informou a Mestre Cebola das minhas intenções de pesquisa na ACMC, que interessado e instigado pela proposta compareceu ao MEG. Mestre Cebola se mostrou muito empolgado com a pesquisa e abriu as portas para que eu participasse das atividades do grupo. Em outro momento, que será mais bem explanado no próximo capítulo, me encontrei com Formando Zudu que também se mostrou empolgado com a pesquisa e foi por esse motivo que optei por frequentar as atividades realizadas pelos dois capoeiristas.

Já meu contato com Mestre Jabiraca do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) se deu nas dependências do Ginásio Pato Preto, localizado no Bairro Mocambinho, Zona Norte de Teresina. Logo que cheguei ao referido espaço Mestre Jabiraca me reconheceu dos tempos antigos que participei do grupo como capoeirista, mas ao mesmo tempo mostrou-se apreensivo com relação à entrevista. Contudo, depois que explanei os objetivos da pesquisa ele me relatou vários acontecimentos sobre a Capoeira, incluindo sua entrada no GMC deixando assim, como os capoeiristas da ACMC, as portas abertas para que eu pudesse realizar meu trabalho. Pode-se dizer que o relevante no contato tanto com Mestre Jabiraca quanto com Mestre Cebola e Formando Zudu é que criamos uma relação de amizade que nos proporcionou a manutenção de uma boa relação pessoal e profissional.

Mestre Jabiraca (GMC) realiza os treinos todas as sextas, no horário de 19h às 20h30min, já Mestre Cebola (ACMC) realiza seus treinos aos sábados e domingos, das 16h às 18h, ambos no auditório ou no espaço aberto do MEG. No entanto, como ficará mais claro no decorrer do texto, a pesquisa de campo não ficou limitada apenas as atividades nesse espaço, principalmente, porque em um determinado período, os encontros dos dois grupos no MEG ficaram irregulares. Nesse sentido, dois contextos se tornaram essenciais para o andamento da pesquisa: os treinos coordenados e realizados por Mestre Jabiraca no Ginásio Pato Preto e na sua residência que também é a sede do GMC de Teresina, localizados, respectivamente, no Bairro Mocambinho e Bairro Buenos Aires, ambos situados na Zona Norte de Teresina. No caso, da ACMC, optei por pesquisar as filiais de Mestre Cebola e Formando Zudu, no Centro

de Convivência Rita de Cássia (CCRC) e na Praça dos Orixás, que ficam localizados no Bairro São Joaquim, também na Zona Norte de Teresina.

As atividades costumeiramente realizadas nesses contextos são treinos e rodas, que em sua maioria são compostas apenas pelos membros locais de cada filial, todavia, existem outros tipos de atividades realizadas pelos grupos que podem ser divididas em pelo menos seis: 1) treinos internos, dentro de suas filiais; 2) treinos externos, ou *aulões*<sup>4</sup>, que podem acontecer na filial ou em outros espaços; 3) apresentações (show) de Capoeira de forma independente e/ou com parcerias, em espaços públicos e/ou privados; 4) eventos internos, onde só os membros do grupo participam, tais como *batizado*, *trocas de cordas*, competições; 5) eventos externos, onde membros de outros grupos podem participar como os exemplificados no item anterior e; 6) visita a academias do grupo ou de outros grupos.<sup>5</sup>

A quinta edição da Roda de Integração do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) que foi realizada no Parque Encontro dos Rios<sup>6</sup> no dia 3 de fevereiro de 2019 é um exemplo de um evento externo da filial. Tal encontro é realizado mensalmente, e essa atividade em especial, teve como objetivo iniciar as atividades do GMC de maneira mais abrangente no referido ano, para colocar em contato as *filiais* coordenadas por capoeiristas que são supervisionados por Mestre Jabiraca e por Mestre Brutos<sup>7</sup>, em uma única atividade.

Outro exemplo de um evento externo de uma filial foi à primeira roda do ano da filial da Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC) do bairro Esplanada localizado na Zona Sul de Teresina, realizada na praça do mesmo bairro no dia 12 de janeiro de 2019, com

---

<sup>4</sup> *Aulões* dizem respeito a uma categoria nativa que atua como sinônimo aos treinos que são compostos por um número elevado de capoeiristas e são realizados em formas de evento e/ou dentro de um evento mais amplo.

<sup>5</sup> No tópico 2.2 do capítulo 2 as “unidades sociais”, que são segmentos do sistema organizacional da capoeira, terá um momento especial para sua reflexão, no entanto, é válido ressaltar para esclarecer minimamente ao leitor do que se tratam. Nesse parágrafo em específico, três termos denotam algumas “unidades sociais” presentes na organização sociopolítica da capoeira de Teresina: grupo, filial, academia. Grupo é um conjunto de capoeiristas organizados e com um sentimento de pertencimento aquela unidade que é constituído a partir de relações contratuais, sejam formais ou informais. Por outro lado, assim como é o “núcleo” na Capoeira Angola, a filial e academia se referem as menores unidades de um grupo. Esses dois termos são originários de segmentos sociais externos a capoeira, como o mercado e o estado, sendo filial, um termo oriundo da influência do mercado na capoeira e academia sendo reflexo da atuação da Educação Física.

<sup>6</sup> Atrativo turístico da cidade de Teresina, onde os Rios Poti e Parnaíba se encontram, nesse local foram construídos alguns bares, barracas e espaços de lazer para o público.

<sup>7</sup> Mestre Brutos é outro Mestre do GMC que realiza atividades em Teresina. Ele e Mestre Jabiraca são coordenadores gerais do grupo no Piauí e em algumas cidades do Maranhão, como Duque Bacelar, por exemplo.



início às 18h. Fiquei sabendo dessa roda por uma postagem feita por Zudu na rede social WhatsApp indicando o dia, o horário e o local do evento.

Essa roda foi promovida pelos *graduados* Tropeço e Alho e teve como intenção iniciar as atividades do ano para essa filial. A princípio o evento contaria com a presença de Formando Zudu e seus alunos, todavia, devido a dificuldades financeiras o interlocutor não pôde comparecer e levar seus alunos para participar da atividade. Cheguei ao local por volta das 18h e a atividade já havia começado com um pequeno treino, onde os alunos *gingavam*<sup>8</sup> um de frente para o outro sem fazer nenhum outro movimento. Logo em seguida foi feita a roda que durou cerca de quarenta minutos. No final desta, momento em que os supracitados graduados dirigiam-se a seus alunos, diziam a respeito do evento que seria realizado, evento este de troca de cordas e *batizado* que iria contar com a presença de Mestre Cebola, Formando Zudu e outros componentes da Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC).

Os grupos estão em constante movimento, haja vista que suas *filiais* fazem atividades em diferentes contextos e estão em relação com diferentes atores, nesse sentido, meu campo de atuação é abrangente e indefinido. Vale ressaltar, que o GMC e a ACMC se tornam vetores que proporcionaram o entendimento mais abrangente da “comunidade da capoeira de Teresina” porque em suas atividades ambos mantêm relações constantes com outros segmentos dessa comunidade. Nesse sentido para elucidar a organização social da capoeira da cidade de Teresina, devo compreender o jogo de relações que acontece no ambiente interno e externo aos espaços de treino, as rodas, as competições, em suma, as atividades realizadas pelos grupos em vários ambientes.

## 1.2 METODOLOGIA

Elaborei em parceria com o Professor Celso de Brito uma resenha sobre o livro “Questões e Dimensões da Política: 20 anos do Núcleo de Antropologia da Política – NuAP” (2017)<sup>9</sup>, onde pude perceber a importância da etnografia na problematização dos paradigmas acadêmicos e no questionamento sobre definições universais e legítimas. Segundo Mariza Peirano (2017):

---

<sup>8</sup> Base inicial da Capoeira, como acontece com outras artes marciais, por exemplo, o Karatê, no entanto essa posição na Capoeira é feita de maneira dançada – essa questão vai ser explicada de melhor forma no decorrer do trabalho.

<sup>9</sup> Publicada na Revista EntreRios (PPGAnt-UFPI), nº 1, vol. 2, Antropologia e Política: alianças, conflitos e regimes de conhecimento, 2019.

A opção etnográfica nos assegurava que não estávamos à procura de nada que antecipássemos; estávamos, sim, preparados para surpresas etnográficas que justamente pudessem abalar nossa visão acadêmica preestabelecida. Estávamos à espera delas, e elas vieram. Surpresas etnográficas são a razão primeira a justificar que antropólogos se desloquem física e/ou sensivelmente para um “campo”, próximo ou longínquo - são elas que produzem dúvidas, questões, deslocamentos de perspectivas que eventualmente trarão consigo consequências teóricas (PEIRANO, 2017, p. 18)

Foi importante adentrar nessa perspectiva etnográfica, por que ela me permitia tanto problematizar minhas percepções acadêmicas, como também, capoeirísticas. Num primeiro momento, achei que o trabalho de campo realizado apenas nos locais de treinos do GMC e da APMC, poderia me proporcionar dados que pudesse compreender a realidade da capoeira de Teresina. Todavia, percebi ao longo da minha estadia em campo, que durou, ao menos, um ano e meio, que a capoeira dessa cidade se constituía como uma “comunidade de capoeira” heterogênea, múltipla e plural e, que eu precisaria compreender a organização social da capoeira nesse contexto não a partir de generalizações, mas sim, a partir das relações entre esses dois grupos e bem como deles com relação a outros grupos da cidade.

Assim como Goldman, entendo que não conseguiria manter relações com todos os membros da capoeira teresinense, tendo em vista que as relações são marcadas pela segmentaridade. Parto do princípio de que as relações são diferenciadas entre as pessoas, pois o tratamento que recebi dos membros do GMC e da APMC mudaram de pessoa para pessoa, por exemplo, fui bem aceito por Mestre Jabiraca, por Mestre Cebola e por Formando Zudu em suas atividades, todavia, nos primeiros contatos que tive com os membros de suas filiais ou sob suas coordenações, senti uma resistência ao tentar manter algumas relações.

Nas primeiras conversas com os interlocutores supracitados, que foram relatadas no item anterior, explanei sobre minhas intenções em fazer a pesquisa participando das atividades dos grupos como capoeirista<sup>10</sup>, todavia, nos primeiros treinos que frequentei de Mestre Jabiraca e do Formando Zudu, optei apenas por observar o que acontecia.

Na primeira visita ao treino de Formando Zudu no Centro de Convivência Rita de Cassia (CCRC) fui apresentado aos alunos como um estudante da universidade que queria fazer uma

---

<sup>10</sup> Entre os anos 2002 e 2007, quando tinha entre 12 e 17 anos, treinei em uma *filial* do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) coordenada pelo professor Alex Papagaio (que por sua vez, era coordenado por Mestre Jabiraca), localizada na Unidade Escolar Moacir Madeira Campos localizada no Conjunto Santa Sofia, Zona Norte de Teresina. Já na UFPI, aos 26 anos (em 2017), treinei por volta de seis meses com o Professor Celso de Brito que é membro do Grupo de Capoeira Angola Zimba (GCAZ).

pesquisa sobre a capoeira. No decorrer do treino, tentei conversar com alguns desses alunos, que se esquivavam da minha presença ou respondiam objetivamente, o que me levou a um questionamento da minha abordagem metodológica, em especial, como entrar no campo, ou seja, como se fazer ser aceito pelos interlocutores.

Foi apenas no treino que participei como capoeirista que as relações começaram a mudar. No término da roda Formando Zudu me apresentou para todos os seus alunos falando sobre minhas intenções de pesquisa e, em seguida, passou-me a palavra. Optei por começar a falar sobre meu envolvimento com a capoeira e depois tentar explicar melhor as minhas reais intenções. Disse-lhes que já tinha treinado no Grupo Muzenza no passado (GMC) e que também já havia treinado Capoeira Angola (CA) no Grupo de Capoeira Angola Zimba de Teresina (GCAZ). Em seguida, esclareci que era um mestrando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí que tinha o trabalho de pesquisar a Capoeira em Teresina e que, para isso, estava participando das atividades de dois grupos, a ACMC e o GMC. Nesse momento, tive a impressão de que os alunos entenderam o porquê de eu estar ali e se sentiram menos desconfiados. O fato é que depois disso participei de inúmeras conversas descontraídas e brincadeiras ao final dos treinos nesse grupo.

Com essa pergunta em mente, fui ao primeiro treino na *filial* de Mestre Jabiraca, para ver se a mesma situação aconteceria, isto é, se os capoeiristas do GMC ficariam resistentes a minha presença. Nesse treino não participei como capoeirista e fiquei apenas observando em um banco que fica na lateral da quadra. Enquanto conversava com Mestre Jabiraca, alguns capoeiristas foram chegando e se aprontando para o treino, oito exatamente. Alguns deles eu já conhecia dos tempos que treinei no GMC, como, por exemplo, o Professor 1º grau Chocolate (corda vermelho e roxa) e a graduada Corujinha (corda verde e laranja). Aqui, diferente da recepção que tive por parte dos alunos de Formando Zudu da ACMC, senti uma maior abertura na relação com esses alunos de Mestre Jabiraca, inclusive com os que eu não conhecia, ou que conhecia apenas de vista, até por que Mestre Jabiraca me apresentou como um ex-integrante do grupo e não como pesquisador, sempre se referindo a minha pessoa pelo apelido que ganhei quando entrei no Grupo Muzenza de Capoeira, ou seja, por Fofão.

Quando comecei a participar dos treinos, as relações entre mim e os alunos de Mestre Jabiraca e de Formando Zudu foram ficando mais abertas, comecei a ser aceito em muitos ambientes que antes não era aceito, desse modo tive acesso a conversas particulares dos integrantes dos grupos, como, por exemplo, participei do grupo de Whatsapp do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) coordenado por Mestre Jabiraca, onde tive a oportunidade de acompanhar muitas orientações dadas pelo referido mestre, ou pela coordenação geral do GMC, localizada em Curitiba e presidida por Mestre Burguês.

É preciso destacar que devido a minha formação acadêmica e por ser artista e produtor cultural, tive privilégios, direitos e deveres que extrapolavam os direitos, deveres e funções da minha posição na hierarquia dos grupos. Por exemplo, participei da organização das competições do GMC e da APMC, que serão temas do capítulo III, fui convidado para participar de atividades que não faziam parte das atividades dos grupos, etc.

Fui convidado por Formando Zudu, para auxiliá-lo na realização da "I Feira Cultural da Praça dos Orixás", que aconteceu no dia 27 de julho de 2019, na praça cujo nome está no título do evento e que fica localizada no Bairro São Joaquim, Zona Norte de Teresina.

A principal contribuição que dei para a realização do evento, além de participar como atração artística, acompanhando na percussão o show de Cayo Cruz, foi a elaboração das documentações necessárias para conseguir apoios logísticos para as demandas que surgiam para a efetivação do evento, tais como, o projeto e os ofícios que em sua maioria foi destinado as secretarias da cidade de Teresina e do Estado do Piauí, como, por exemplo, a SEMAM (Secretaria Municipal do Meio Ambiente) e SECULT (Secretaria de Cultura do Estado do Piauí).

Nesse sentido, o "método cartográfico", discutido por Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2014) no capítulo sete, denominado de *Cartografar é habitar um território existencial* do livro *Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* nos empresta um posicionamento para compor ainda mais a construção dessa etnografia, e isso diz respeito à relação estabelecida entre o sujeito de pesquisa e seu objeto de pesquisa. Para o método cartográfico o sujeito e o objeto de pesquisa não estão em hierarquia, uma vez que são coemergentes na construção do conhecimento, ou seja:

O método da cartografia não opõe teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção de realidade. O ato cognitivo – base experiencial de toda atividade de investigação – não pode ser considerado, nesta perspectiva, como desencarnado ou como exercício de abstração sobre dada realidade. Conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com a sua produção. Nesse sentido, o conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevôo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam (ALVAREZ, PASSOS, 2014, p. 131).

É interessante essa abordagem da cartografia porque corrobora com a perspectiva de um observar e analisar o GMC e APMC de maneira exterior, ou seja, sentado em uma cadeira

enquanto as atividades acontecem, mas, me proporciona também interagir e intervir em determinados momentos nos acontecimentos que presencio, como, por exemplo, ensinar um movimento, como a *armada*, a outro capoeirista, ou ensinar um ritmo específico tocando o berimbau. Como defendem os autores, “tal aprendizado não será aqui pensado como uma série de etapas de um desenvolvimento, mas como um trabalho de cultivo e refinamento” (ALVAREZ, PASSOS, 2014, p. 135).

Como disse anteriormente, acredito que esse posicionamento de Alvarez e Passos com relação ao método cartográfico possibilita à construção de uma etnografia que esteja próxima a realidade do objeto de pesquisa, porque procuro aqui, conceber um sistema de inteligibilidade a partir da observação de campo, observação participante:

Pois se o trabalho de campo intensivo é uma exigência da antropologia, e mesmo sem querer parecer nominalista demais, creio ser preciso admitir que este possui diferentes acepções na história da disciplina. Podemos imaginá-lo, por exemplo, como uma simples *técnica*, ou seja, como a obtenção de informações que, de direito, embora talvez não de fato, poderiam ser obtidas de outra forma (e é isso que parece ocorrer na mencionada "antropologia de varanda"); ou podemos definir trabalho de campo como *método*, que implica que as informações só poderiam ser obtidas dessa forma. No entanto, poderíamos também seguir Lévi-Strauss e dizer que são as próprias características epistemológicas da disciplina que exigem a experiência de campo (GOLDMAN, 2006, p. 29).

Nesse sentido, assim como explana Goldman (2006), pretendo elaborar uma teoria etnográfica construída a partir dos conceitos e teorias desenvolvidas pelos nativos em complementação as teorias encontradas na literatura antropológica e sobre a capoeira, pois:

Uma teoria etnográfica tem, portanto, como objetivo central elaborar um modelo de compreensão de um objeto social qualquer (linguagem, magia, política etc.), o qual, mesmo produzido em e para um contexto particular, possa funcionar como matriz de inteligibilidade em e para outros contextos. Nesse sentido, permite superar os conhecidos paradoxos do particular e do geral, assim como, talvez, os das práticas contra as normas ou das realidades em oposição aos ideais. Isso porque se trata sempre de evitar as questões abstratas a respeito de estruturas, ou mesmo processos, e dirigi-las para os funcionamentos e as práticas (GOLDMAN, 2006, p. 28).

Goldman, a partir desse objetivo central da etnografia analisa o movimento negro da cidade de Ilhéus e um conceito que se destaca pela sua centralidade na teoria desenvolvida pelo autor é o de “segmentaridade”. O supracitado conceito mostra que o movimento negro, mais

especificamente os blocos afros, agregam-se e separam-se em determinadas situações, assim como, unem-se e desprendem-se de outros grupos sociais e políticos (GOLDMAN, 2001). Mas o importante para minha discussão é que os grupos de Capoeira aqui estudados, isto é, o Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) e a Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC) também se unem e se separam com diferentes atores da sociedade teresinense, e para além dessa localidade, com atores espalhados pelo Estado do Piauí, e mesmo de outros países e continentes. Essas relações entre esses grupos de CC e outros atores sociais acontecem em diferentes situações e lugares.

Aqui o caderno de campo, assim como o *smartphone* e o *WhatsApp* demonstra sua imprescindibilidade. Pois quando estou em trabalho de campo, participando das atividades dos grupos; os dados são computados na hora por meio desse aparelho e das redes sociais, e em um momento posterior aos treinos, quando estou em casa, registrando as impressões que surgiram na observação participante no caderno de campo. Assim como essas técnicas, a entrevista é importante para a análise das percepções que os capoeiristas têm sobre as relações nesses diferentes espaços e situações, pois:

Ao longo de todo o processo de análise, o material empírico estará sendo lido/visto/interpretado à luz da literatura científica de referência para o pesquisador, que produz teoria articulada ao conjunto de produções científicas com o qual se identifica. Vale lembrar, entretanto, que a fala do entrevistado tem valor nela mesma quando tomada como fonte de conhecimento e não pode ser utilizada como mera ilustração das teorias explicativas. Se recolhido e analisado de forma correta, o material fornecido por nossos informantes tem concretude, densidade e legitimidade suficientes para, se for o caso, fornecer subsídio e base para questionarmos nossos pressupostos e mesmo concepções teóricas estabelecidas e consolidadas. Os depoimentos coletados também podem, em muitos casos, refutar as ideias que o pesquisador tinha a respeito do problema antes de iniciar a pesquisa de campo. Por tudo isso, o fundamental é estar aberto às surpresas, ao imprevisível e ao imponderável que emergem do trabalho de campo, mesmo que isso nos obrigue a rever nossos conceitos e a refazer o caminho trilhado (DUARTE, 2004, p. 223).

Pensando dessa maneira, é que nos próximos capítulos me concentro em fazer um minucioso relato etnográfico sobre a realidade desses dois grupos, começando, por entender quais os elementos que fazem parte da organização dos grupos e quais os fatores que afetam a construção desses elementos, e em seguida compreender quais os princípios que fazem parte das relações mais abrangentes dos grupos, com outros grupos de capoeira e com atores sociais de seus contextos.

### 1.3 A GESTÃO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ENTRE OS CAPOEIRISTAS DE TERESINA

Para adentrar nessa discussão, acredito ser relevante relatar algumas vivências que tive, como capoeirista, com dois grupos de capoeira da cidade de Teresina: Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) e Grupo de Capoeira Angola Zimba (GCAZ-THE), que me possibilitaram compreender a multiplicidade que é a comunidade da capoeira<sup>11</sup> nessa cidade.

Percebi desde o primeiro treino (que focou nos movimentos corporais), e principalmente, no primeiro jogo que fiz com o Professor Celso do GCAZ-THE (grupo de Capoeira Angola), que teria que repensar alguns elementos que aprendi nos meus anos como capoeirista do GMC (grupo de Capoeira Contemporânea). O corpo é o principal instrumento do capoeirista para se aventurar em um jogo de capoeira e é nos treinos constantes e repetitivos que o capoeirista desenvolve sua potencialidade corporal, o que Joel Sousa (2014), chama de corpo gingado e negaciado<sup>12</sup>. A principal movimentação da capoeira, que é a base para a realização de outras movimentações, é a ginga, e foi na ginga que notei a primeira diferença performática durante os treinos que participei com o GMC e com o GCAZ-THE.

Os treinos de movimentação corporal lecionados pelo Monitor Papagaio<sup>13</sup> (GMC) eram divididos inicialmente em: treinos de Capoeira Angola (CA) e treinos de Capoeira Regional (CR). Os treinos de CR focavam na parte marcial da capoeira, na luta, onde se procurava condicionar os alunos para competir, sair e entrar (instigar) situações de conflito, jogos de contato, *pancadaria*<sup>14</sup>. Essa perspectiva marcial era refletida na postura corporal da ginga, na questão defensiva, sempre cobrindo as partes vitais do corpo. Nos treinos e nos jogos de CA a

---

<sup>11</sup> A partir da década de 1930 a capoeira começou a passar por um processo de institucionalização, com a criação, por iniciativa de Mestre Bimba, da Capoeira Regional. Na década de 40 surgiu uma nova modalidade de Capoeira, denominada de Capoeira Angola, idealizada por Mestre Pastinha. No decorrer do século XX, outras modalidades, vertentes e/ou segmentos de capoeira foram emergindo, em especial, a Capoeira Contemporânea a partir da mescla de princípios simbólicos e organizacionais das duas vertentes anteriores.

<sup>12</sup> Negaceado é derivado do termo “negaça”, que significa: 1. Engodo, isca, recusa, negação. 2. Movimentação das articulações dos braços, mãos, joelhos, pés, tronco e cabeça, isolados ou em conjunto, formando o que se chama de “jogo-de-corpo” e cuja finalidade principal é burlar a atenção do lutador, para pegá-lo desprevenido, ou seja, de “corpo aberto”, a fim de aplicar-lhe um determinado golpe, no ataque (LIMA, 2007).

<sup>13</sup> Monitor Papagaio foi coordenador, por cerca de 8 anos, (2000-2008), da filial do GMC que realiza suas atividades na Unidade Escolar Moacir Madeira Campos, que fica localizada no Conjunto Santa Sofia, Zona Norte de Teresina.

<sup>14</sup> Pancadaria é um termo nativo que é usado para representar jogos com contato intencional, é uma categoria central para a análise da organização sócio-política da capoeira de Teresina em seu processo de emergência. Ela será melhor aprofundada no capítulo dois.

postura corporal na base de ginga, assim como a execução dos golpes, eram semelhantes à base dos movimentos de CR, no entanto, o que se via eram jogos com movimentos mais baixos, cadenciados, com contato menos intensos no qual a intenção era desenvolver seu jogo e sobrepô-lo ao outro jogador por meio de marcações da movimentação.

Essa minha concepção sobre a base de ginga e a execução de alguns movimentos que entendia como pertencentes a CR foi abalada nas primeiras vivências que tive com o coletivo coordenado pelo Professor Celso<sup>15</sup>. A primeira diferença entre a base de ginga do GMC e do GCAZ-THE estava ligada a concepção de ataque e defesa de cada segmento, pois, a forma de gingar do GMC, mesmo em um jogo de angola, priorizava uma posição defensiva e de contra-ataque, com as pernas afastadas uma a outra (que dá mais estabilidade no chão), e com os braços posicionados para defender o rosto e o tronco. Já a forma de gingar do GCAZ-THE priorizava uma forma corporal menos defensiva, com as pernas mais próximas uma da outra, com os braços em movimento livres.

Essa percepção de ataque e defesa, de jogo e luta, que se materializa na ginga, está ligada a um mecanismo de interação que atua como um “marcador diacrítico” entre a CR e a CA, que é a gestão do conflito. Para Vieira (1998), a gestão do conflito opõe duas categorias, sendo, a violência oposta à *mandinga*<sup>16</sup>. Essas duas categorias estão presentes em todas as modalidades de capoeira, todavia, o jogo da CR se caracteriza pela possibilidade do ataque direto e do revide imediato, enquanto na CA o jogo se desenvolve a partir das fintas, fingimentos, ilusões, do engodo, pela “ritualização do perigo” (o que Frigerio – 1998 – chama de teatralidade):

Como se sabe a capoeira é uma luta-jogo que pode ser praticada sem que haja contato quando se aplica um golpe. Ou seja, se for aplicar um pontapé ou um chute no outro capoeirista, tem-se a opção de atingi-lo ou não; normalmente, no jogo os capoeiristas evitam de atingir o outro, resultando entrar em contato, ao golpear com um chute traumatizante; comumente, é mais usual um contato com um golpe desequilibrante.

<sup>15</sup> Os trinos realizados por Celso nesse momento era apenas parte de um projeto de extensão promovido pelo supracitado através Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAnt-UFPI). Posteriormente, no ano de 2018, com a vinda e o aval do idealizador e coordenador geral do Grupo de Capoeira Angola Zimba (GCAZ), Mestre Boca do Rio, para o lançamento do Livro *A Roda do Mundo: A transnacionalização da Capoeira Angola* (2017) de Celso de Brito, foi que esse coletivo se tornou um núcleo do grupo CCAZ em Teresina, passando a adotar de maneira definitiva os elementos pertencentes linhagem do qual o grupo participa.

<sup>16</sup> “Existem muitas partes da mandinga. Existe a mandinga da magia negra e a mandinga da capoeira, quando ele se diz realmente capoeirista. E com especialidade quando ele é angoleiro. Não que não existam elementos de Regional que não sejam mandigueiros. Porque tem pessoas que se preocupam em chegar na roda, trocar pancada e dizer que é o bom. Mas não é o bom. Mandinga é isso, é sagacidade, é você poder bater e não bater. Você mostra que não bateu porque não quis. Não é você quebrar a boca do camarada, dar cabeçada, quebrar costela, dar murro na cara que é capoeira não” (Mestre Curió apud VIEIRA, 1998, p. 112).



Em suma, no geral, no jogo da capoeira os golpes são evitados que entrem em contato com o corpo do outro; contudo, quando há em comum acordo num jogo mais duro e combativo, no qual os jogadores vão para um jogo de luta, onde o outro deve se esquivar para que não tenha contato, choque – o outro se esquivava, quando não consegue se esquivar, recebe o golpe, efetuando assim o contato. Mas essas condições são reservadas para a capoeira luta (SOUSA, 2014, p. 93).

Nas conversas que tive com Mestre Jabiraca e com Mestre Cebola, assim como na revisão da literatura, pude perceber que as relações entre os capoeiristas e grupos nas rodas, no período de emergência da capoeira na cidade (como ficara claro no tópico 2.1), eram regidas pela perspectiva de capoeira como luta, marcadas pela *pancadaria* (termo nativo) e violência em demasia. Em resumo *pancadaria* significa os jogos com um contato físico violento, que serviam como forma de *autoafirmação* individual e coletiva perante ao resto da comunidade.

Atualmente, a *pancadaria* ainda existe nos jogos de capoeira, todavia, nota-se que esse tipo de jogo passou por um processo de regulamentação, por vezes informais e, por vezes formais. Informal no sentido de a regulamentação acontecer por via de relações contratuais e verbais entre os capoeiristas e/ou grupos, que presam pela realização de jogos sem contato em determinadas situações. Já a regulamentação formal se materializa, em especial, nos regulamentos e regimentos que gerem os campeonatos de capoeira.

A gestão da violência nos jogos de capoeira é reflexo do processo de institucionalização e esportivização pelo qual vem passando a “comunidade da capoeira de Teresina”, todavia, é relevante pontuar, assim como Norbert Elias afirma sobre o pugilismo, que os jogos de *pancadaria* não eram desprovidos de regras, mas eram flexíveis ao uso com mais vigor da violência física. Celso de Brito aponta a partir dos estudos de Souza, três diferentes formas de compreender o futebol – esporte, jogo, espetáculo. Em resumo, o futebol como esporte se caracteriza como uma prática institucionalizada e regrada e, como jogo assume um caráter imprevisível, que liga essa prática aos jogos de azar, a capoeira e a malandragem. Já o espetáculo se caracteriza pelo vínculo criado entre o futebol e o brasileiro, seja jogando ou assistindo.

Assim como o futebol, a capoeira enquanto jogo demonstra um caráter imprevisível a partir da performance corporal com movimentos de perguntas e respostas, que pode se desencadear para um jogo sem contato até um jogo com contato violento. Enquanto esporte a capoeira passa a regulamentar os jogos na tentativa de evitar o uso da violência entre os capoeiristas, todavia, pela capoeira, mesmo sendo entendida pelo seu caráter esportivo, ainda se tratar de um jogo, a imprevisibilidade pode acarretar jogos de *pancadaria*.

A pancadaria assim como a gestão da violência, podem ser englobadas por uma categoria mais abrangente, que é o conflito. Para compreender a categoria conflito é importante refletir sobre a definição de alguns autores, como, por exemplo, Florestan Fernandes (2006) que ao estudar a função da guerra social na sociedade Tupinambá procura por meio de uma abordagem funcionalista demonstrar que a guerra não é uma dimensão da vida social oposta a ordem e/ou a estrutura social, mas que todos os elementos que a compõem são parte de “um conjunto total da sociedade dos índios Tupinambá” (MARQUES, 2020).

A importância desse estudo de Fernandes (2011) é que ele propõe estudar a guerra (conflito) assim como, Ana Claudia Marques (2011), pelo seu lado positivo. No entanto, assim como Comerford, Chaves e Marques (2017), compreendo que o conflito não deva priorizar uma análise totalizante da vida social ou torná-lo um objeto de pesquisa, e sim, pensar o conflito:

[...] como porta de entrada para as relações entre atores diversos, ele revelou-se um instrumento metodológico de apreciável importância. Essa qualidade só pode ser adequadamente compreendida se considerarmos que o valor heurístico do conflito repousa na sua consistência sociológica, como fenômeno naticamente ? recortado. De fato, se nos universos estudados é relativamente pouco frequente o uso do conflito como categoria descritiva, noções como “luta”, “intrigas”, “questões”, “disputas”, “briga” são essenciais. Com campos semânticos diferenciados entre si, réplicas e sutilezas, essas categorias nativas apontam para a percepção e qualidade de processos sociais considerados efetivos e plenos de implicações para seus sujeitos – inclusive para sua própria delimitação e diferenciação enquanto tais, sujeitos [...] o conflito é uma categoria analítica que visa recobrir, sem pretensão de substituir, o campo semântico de categorias nativas e, portanto, apresenta-se simultaneamente como instrumento heurístico e como um conceito com estatuto próprio (COMERFORD, CHAVES E MARQUES, 2017, p. 34/35).

O conflito na comunidade da capoeira não se limita apenas as questões performáticas dos jogos, mas emerge também nas relações políticas entre os capoeiristas e os grupos de capoeira, assim:

Visto desse ângulo analítico, o conflito perde a conotação de anomia, revelando-se como instância constitutiva, capaz de criar realidades ao definir e redefinir sujeitos morais, configurar identidade, expressar e redesenhar fronteiras sociais [...] Se pudéssemos pensar o conflito como relação social, decomponível em desafios e respostas, constatamos empiricamente que de alguma forma essa comunicação se dá entre próximos, entre sujeitos compatíveis em algum plano (CHAVES; COMERFORD, MARQUES, 2004, p. 39/50).

O conflito é uma categoria importante para compreender a organização sociopolítica da “comunidade da capoeira de Teresina” porque ela é oriunda de categorias que surgem e

orientam as relações dos capoeiristas e dos diversos segmentos dessa comunidade da capoeira. Ressalto que o conflito não é uma categoria totalizante, mas se constitui como uma das dimensões da vida social dessa comunidade e tratá-lo aqui serve apenas para indicar ao leitor o caminho que a análise etnográfica do segundo e do terceiro capítulo está assentada. Mas antes de adentrar no detalhamento sobre essa realidade, é de extrema relevância que eu reflita sobre como a metodologia dessa dissertação foi sendo construída ao longo da pesquisa.

## 2. CONFLITOS DE ORIGEM

Os grupos da “comunidade da capoeira de Teresina” se constituem, se organizam e agem a partir da mobilização de princípios presentes na Capoeira Angola, Capoeira Regional, Capoeira Contemporânea, Capoeira Anglo-Regional e Capoeira Nacionalizada/Esportiva, o que permite a esses grupos problematizarem as definições presentes, tanto dentro da “comunidade da capoeira” quanto na literatura acadêmica, com relação ao que é a capoeira e o que são essas modalidades.

Para compreender a organização sociopolítica da “comunidade da capoeira de Teresina” opto por dividir esse capítulo em três tópicos: 1 – no primeiro descrevo a história da capoeira de Teresina desde seu processo de emergência conflituosa até o processo de consolidação e institucionalização de sua prática; 2 – no segundo analiso como as relações entre os atores (capoeiristas e grupos) se estabeleceram e quais elementos que surgiram e regulam essas relações e a organização sociopolítica da “comunidade da capoeira de Teresina”; 3 – no último tópico mantenho o foco na formação da Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC) e do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC).

## 2.1 A CAPOEIRA NA CIDADE DE TERESINA

A capoeira na cidade de Teresina, segundo Robson Silva<sup>17</sup> (2012) e Marcelo Neto (2013), teve seu início no final da década de 1960 e, começo da década de 1970. Os dois autores afirmam que é difícil entender a origem da capoeira na cidade, principalmente pela falta de registros, sejam notícias de jornais, de documentos do arquivo público e/ou de trabalhos acadêmicos. Todavia, ambos procuram, através dos relatos dos mestres mais antigos da cidade, fazer essa reconstituição histórica.

Analisando os textos desses autores, verifica-se algumas divergências com relação à quais mestres foram os precursores dessa prática na cidade. Silva (2012) afirma que o precursor da capoeira em Teresina foi Mestre Caramurú que é mestre da Associação Cultural Lua Nova de Capoeira (ACLNC), diz ainda que:

Caramuru chegou em Teresina no ano de 1969, iniciando na prática da Capoeira no ano de 1970, pelos ensinamentos de um primo oriundo de Salvador-BA, chamado Washington, que veio morar na Via Militar, no bairro Marquês, Zona Norte da cidade, mais precisamente no Clube do Marquês, clube dos oficiais do Exército do Piauí. Em sua concepção a Capoeira em Teresina teve início no ano de 1971, enquanto prática realmente instituída, em local próprio e com o uso de vestimentas características (SILVA, 2012, p. 199).

Por outro lado, Marcelo Neto afirma que a capoeira em Teresina também começou no ano de 1970, porém, a partir da iniciativa de Mestre Marcondes e seus irmãos, que:

[...] em Brasília, como aluno dos Mestres Tabosa e Adílson, que Mestre Marcondes e irmãos, entram em contato com a Capoeira. Mestre Marcondes muda-se para Teresina e juntamente com seus irmãos Edson e Lobitil, passam a desenvolver um trabalho de Capoeira em Teresina no início da década de 70 [...] Mestre Marcondes, contudo, foi o primeiro a desenvolver, mesmo que precariamente, um trabalho de Capoeira significativo, por isso é considerado por muitos o pioneiro da Capoeira no Piauí, levando a Capoeira às ruas e praças, fazendo com que a Capoeira fosse difundida em Teresina, e sendo o primeiro a ensinar Capoeira em uma academia de esportes, a *Matro*, uma das primeiras academias de musculação de Teresina, que se situava na proximidade do Liceu Piauiense (NETO, 2013, p. 100).

---

<sup>17</sup> Mestre Bobby na Escola de Capoeira de Mestre Bobby (ECMB).

Mesmo com a capoeira de Teresina surgindo a partir dos dois mestres supracitados, Silva entende que um marco importante para o desenvolvimento dessa prática na capital piauiense e que proporcionou o surgimento de vários grupos foi os treinos realizados por Paulo Capoeira (capoeirista que veio da cidade do Rio de Janeiro) no SESC (Serviço Social do Comércio) no Bairro Ilhotas que fica localizado atualmente na região Centro-Sul da cidade. Segundo o autor Paulo Capoeira foi o primeiro capoeirista que:

[...] se estabelece por mais tempo na cidade, propondo uma melhor organização da capoeira, com a abertura de turmas, instituindo horários de treinos, seguindo uma determinada metodologia de ensino e ampliando a difusão dessa arte como uma atividade educativa, capaz de agregar pessoas de idade, sexo, formação, etnia e classes sociais as mais diversas, conseguindo, por meio do contato de parentes seus, acesso ao Serviço Social do Comércio (SESC), que seguindo a política de unidades instaladas em outros centros, estabelece a capoeira como uma das atividades ofertadas à comunidade. Se iniciava, assim, uma nova época da capoeira no Piauí, notadamente marcando o aparecimento de outros capoeiristas que se firmariam como os mestres e guardiões da capoeira piauiense (SILVA, 2012, p. 207).

Em seguida Silva afirma que “[...] no ano de 1979, alguns dos capoeiristas que se iniciaram no SESC começam a se organizar em torno de seus próprios alunos, fundando os primeiros grupos organizados do Piauí” (SILVA, 2012, p. 211) e:

Nesse sentido, merecem destaque, mestre Zé Carlos que forma o Grupo *Irmãos Unidos*, desenvolvendo suas atividades no bairro Piçarra, na zona sul da cidade; mestre Albino funda o Grupo *Escravos Brancos*, no Centro Social Urbano da primavera (CSU Primavera), zona norte da cidade; mestres Tucano e Chocolate fundam o Grupo *Palmares*, no Centro de Treinamentos do Pirajá, no bairro Matinha, na zona norte de Teresina; e John Grandão, juntamente com seu irmão Valtinho, iniciam o Grupo *Nova Lua*, no bairro Cabral, também na zona norte de Teresina (SILVA, 2012, p. 211).

A partir desses grupos acontece uma série de segmentações entre os próprios mestres, o que proporciona o surgimento de outros grupos. De acordo com Mestre Cebola, Mestre Monteiro, ainda na década de 1980 lecionava no Projeto Curumim já no Grupo *Escravos Brancos*. Professor Zumba, que treinou com os capoeiristas dos grupos *Nova Lua* e *Escravos Brancos*, montou o Grupo *Mocambo* (GMO), os Mestres Tucano, Bobby, Paulinho Velho e John Grandão se filiaram a Mestre Camisa do Grupo *Senzala* de capoeira e essa filiação foi realizada através de mestres do Estado do Ceará, como os Mestres Canário, Araminho e Dingo.

O Grupo Senzala na década de 1990 também passou por um processo de segmentação após a saída de Mestre Camisa, que cria a Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira o Abadá Capoeira (ou ABADÁ). Entre o período de saída do Grupo Senzala e a criação do ABADÁ-CAPOEIRA, Mestre Camisa articulou outro grupo denominado de Capoeirarte. Além disso, no ano de 1988 houve ainda filiação de um grupo de capoeira que surgiu nos anos 1980, chamado de Raízes do Brasil (RDB). Tal grupo ficou conhecido por algum tempo como Raízes do Brasil Abadá Capoeira.

Todavia, o Grupo Raízes do Brasil se segmenta novamente do ABADÁ-CAPOEIRA e se torna outra vez autônomo. Essa segmentação que foi um processo nacional, reverberou no Grupo Raízes do Brasil Abadá Capoeira da cidade de Teresina, uma vez que alguns mestres locais se filiaram ao Grupo Raízes do Brasil após tal segmentação, por exemplo, os Mestres Tucano, Chocolate e Bobby, enquanto outros permaneceram no ABADÁ-CAPOEIRA, entre eles, os Mestres Paulinho Velho e John Grandão. Outros processos de segmentação ocorreram no ABADÁ-CAPOEIRA, como por exemplo, a saída de Mestre John Grandão que montou o Grupo Capoeira Contemporânea (GCC). E também a saída de Mestre Cebola que criou a Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC).

Segundo Mestre Jabiraca, Professor Zumba começou a treinar capoeira em conjunto com os capoeiristas do Grupo Nova Lua e da Associação Cultural de Capoeira Escravos Brancos (ACCEB), no entanto, não se filiou a nenhum desses grupos. Mestre Jabiraca, por sua vez, inicia sua jornada na capoeira como membro do Grupo Mocambo (GMo), que era coordenado pelo Professor Zumba. Em uma conversa informal, na qual estavam presentes os Contramestres Ferrugem e Beto e os Mestres Jabiraca e Diogo (ACCGP)<sup>18</sup>, que aconteceu depois do evento realizado, no dia 29 de julho de 2019, no Ginásio Pato Preto, em comemoração ao aniversário de 40 anos de vida e de 28 anos de capoeira do Contramestre Ferrugem, do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) o diálogo girava entorno do período em que essa filial coordenada por Professor Zumba, que ficava localizada em um espaço no Bairro Mocambinho conhecido como Creche do Lima, era tida como um centro de articulação e encontro de capoeiristas de várias origens. Contramestre Beto (GMC) afirma que:

---

<sup>18</sup> Nessa conversa também se fazia presente um capoeirista do qual não me recordo o nome, o apelido e o grupo de pertencimento. Mas pelo diálogo percebi que ele tinha a graduação de professor e que participou do contexto debatido nessa situação.

O espaço mais conhecido que teve aqui no Mocambinho foi a Creche do Lima, onde o Grupo Mocambo treinava. Eu fiz parte e sou um dos mais antigos depois de Mestre Jabiraca, e como falei, a Creche do Lima na época era o espaço mais importante, onde vários capoeiristas apareciam, que já chegou a ter mais de 400 alunos (Contramestre Beto. Entrevista concedida ao autor no dia 20 de abril de 2020).

Graduado Batatinha (GMC), corrobora com o diálogo desses capoeiristas, ao dizer que:

Já ouvi muitas histórias de treinos e rodas na Creche do Lima, o centro de Treinamento do Mocambo no tempo era lá, e depois veio à filiação com o Grupo Muzenza. Muitos mestres e graduados começaram a capoeira com o Professor Zumba e de lá se dispersaram para outros grupos. O Grupo também recebia muitas visitas de outros grupos, porque no tempo era o tempo de provação e trocação na capoeira (Graduado Batatinha. Entrevista concedida ao autor no dia 20 de abril de 2020).

Esses encontros, segundo Graduado Batatinha, eram marcados pelo processo de *autoafirmação* de um capoeirista por meio da *trocção*<sup>19</sup>, ou da *pancadaria*. Mestre Jabiraca (GMC) corrobora com a ideia de Graduado Batatinha ao dizer, que:

Naquela época era uma época de muita afirmação, muita pancadaria, a gente tinha que mostrar mesmo era na raça, na porrada mesmo, não tinha didática não tinha nada [...] até porque não tinha muitos grupos, mas era muito dividido, sobre essas questões aí de grupo (Mestre Jabiraca. Entrevista concedida ao autor no dia 06 de novembro de 2018).

As relações entre os segmentos se materializavam por meio das visitas mútuas que eram realizadas nas diversas atividades (ver página 20, tópico 1.2) e que nas rodas se materializava em jogos de contato<sup>20</sup>, pela *pancadaria*. De acordo com Mestre Cebola (ACMC), as visitas eram raras, mas sempre uma realidade e, quando aconteciam geralmente levavam a mesma situação, isto é, à *pancadaria*:

---

<sup>19</sup> O termo *trocção* utilizado por Graduado Batatinha em sua fala, pode ser considerado como sinônimo de *pancadaria*. Esse termo, no entanto, se origina da realidade de outras artes marciais ou manifestações de luta, como, por exemplo, o *Boxe* e o *MuayThay*. Hoje é muito utilizada nos eventos de artes marciais mistas, como o MMA (*Mixed Martia lArts*) e o UFC (*Ultimate Fighting Championship*).

<sup>20</sup>Os jogos de capoeira, nas diversas modalidades, podem se caracterizar em um momento ou outro pelo contato físico entre os capoeiristas. No entanto, quando eu uso o termo “jogo de contato” me refiro aos jogos em que o contato entre os capoeiristas é feito de maneira intencional, com o objetivo ou não de machucar o adversário.



[...] não eram nem tantos os grupos, eram poucos capoeiristas que visitavam as rodas, as academias [...] porque o pau quebrava feio [...], mas, por exemplo, tinha um cara de outro grupo que tinha amizade comigo, amizade grande mesmo, aí ele ia lá, aí tipo assim, era um apadrinhamento, o cara ia sob a minha proteção, vamos dizer assim, entendeu? Então, se o bicho começasse a pegar lá você também tinha que ser um cara influente dentro do grupo para que você pudesse intervir se caso o bicho pegasse feio pro cara e viesse ser uma coisa séria. Então, tinha que ter um padrinho para comprar o jogo, para tirar o cara, para aliviar, entendeu? Funcionava assim, era complicado (Mestre Cebola. Entrevista concedida ao autor no dia 12 de maio de 2019).

Mestre Jabiraca e Mestre Cebola afirmam que em Teresina eram realizadas várias *rodas de rua* e *rodas na rua*<sup>21</sup>. As rodas mais famosas do final da década de 1980, e início da década de 1990 eram realizadas na Praça da Bandeira, Praça Rio Branco, Praça Pedro II e na Praça da Liberdade<sup>22</sup>, todas elas localizadas no Centro de Teresina. Tais rodas eram organizadas na maioria das vezes pelo Grupo Senzala de Capoeira, ou seja, eram *rodas nas ruas*.

A *pancadaria* nesse contexto tinha uma função específica que extrapola a questão física e marcial e se caracteriza como elemento central que organiza as relações entre os capoeiristas da época. É possível dizer que ela era o instrumento que tinha como funcionalidade legitimar ou não o indivíduo como um bom capoeirista e atuava em duas dimensões: legitimação interna e externa. Legitimação interna está relacionada à legitimação do capoeirista dentro do grupo que se considera e é considerado como membro, a influência, mencionada por Mestre Cebola (ACMC) que o capoeirista deveria ter para safar seu amigo de outro grupo de apanhar mais do que deveria, era conquistada, por meio da *pancadaria* com os companheiros de grupo. A legitimação externa é a legitimação que o capoeirista deveria conquistar nas relações com

---

<sup>21</sup>É importante entender essa diferenciação entre *roda de rua* e *roda na rua*, porque as duas são idealizadas e executadas de formas diferentes. A primeira é realizada por capoeiristas de vários grupos, nessas rodas não são levantadas bandeiras, o que caracteriza a união de capoeiristas de diferentes origens em um “coletivo de capoeira” (esse termo “coletivo de capoeira” é uma categoria que se contrapõe a noção de “grupo de capoeira” e é mais bem analisada no tópico seguinte) com uma finalidade de jogar capoeira, trata-se de uma roda pública. As *rodas na rua* são realizadas por um grupo em específico e pode ser composta apenas por capoeiristas desse grupo ou por capoeiristas de outros grupos. O grupo anfitrião mantém o status de organizador e legislador do evento que ordena e regula a composição e a dinâmica da roda, no entanto, observa-se que em uma *roda na rua* aquele conjunto de capoeiristas não pode ser considerado um grupo, pois essa situação social os caracteriza como um coletivo formado por vários seguimentos, que após o término da roda voltam a se caracterizar como participantes de grupos diferentes e, essa *roda na rua*, pode ser pública ou privada, aberta para qualquer capoeirista ou só para convidados do grupo anfitrião.

<sup>22</sup> Roda do dia sete de setembro de 1990 na Praça da Liberdade, Centro de Teresina [https://www.youtube.com/watch?v=D8l8R\\_mqdxI](https://www.youtube.com/watch?v=D8l8R_mqdxI).

capoeiristas de outros grupos, ser bom na *pancadaria* deixaria um capoeirista popular no interior da comunidade da capoeira de Teresina.

É importante ressaltar, que a autoafirmação não era exclusividade de capoeiristas, mas também dos grupos. Os grupos que se saíam melhor nas rodas de *pancadaria*, tinham mais respeito, prestígio e influência na organização da capoeira de Teresina. Nesse sentido, a legitimação individual, também consistia numa espécie de legitimação, ou autoafirmação coletiva, haja vista, que muitos dos capoeiristas dessa época faziam parte e representavam algum grupo. Mestre Cebola corrobora que o processo de legitimação dos capoeiristas e dos grupos nessa época era feito por meio da *pancadaria*, seja nos jogos com capoeiristas do mesmo grupo ou de outros grupos:

[...] muita visita em rodas e academias de outros grupos, mas com o propósito diferenciado, que não era de construir, mas sim, aquela questão de se testar, de mostrar a superioridade de cada grupo. Então, naquela época, o Grupo Senzala era o que mais predominava na questão de jogo, de aluno, de autoridade capoeirista dentro do Estado [...] As rodas que existiam naquela época era do Grupo Senzala [...] Tinha a roda da Pedro II [praça] que era a roda mais tradicional que era feita na última sexta feira do mês, tinha roda na Praça Costa e Silva, tinha roda na Praça da Bandeira, mas a roda mais esperada da época, que era uma roda muito complicada, muito difícil, era a roda de sete de setembro que se iniciou na frente da Igreja São Benedito, roda muito tradicional, onde o lugar mesmo de se testar era lá. Mas como não tinha outros grupos pra participar, a questão de se testar ficava entre os próprios integrantes da Senzala, se *digladiando* na época (Mestre Cebola. Entrevista concedida ao autor no dia 12 de maio de 2019).

Esses constantes embates físicos entre capoeiristas e grupos aconteciam também em outros momentos históricos do Brasil. Alan Caldas analisa os “valores” que regia a conduta dos capoeiristas (Século XVIII) em conflito, o que denomina de “valores da valentia”:

[...] conjunto de noções e crenças chamadas “valores da valentia”, produto da mescla de visões de mundo e ideias das sociedades centro-africanas e da sociedade colonial brasileira. A valentia é uma crença sustentada nas visões religiosas de mundo que supõe que as artes marciais são dons divinos usados para expressar o autorrespeito ou a honra que cada indivíduo julga possuir (CALDAS, 2012, p. 11).

Essa reflexão feita por Alan Caldas para pensar os valores que orientavam as ações dos capoeiristas, os “valores de valentia” também me permite refletir sobre valores subjacentes às

ações dos capoeiristas da cidade de Teresina, tanto durante o processo de constituição, quanto de consolidação da capoeira nessa cidade. O autor demonstra que esses valores estavam atrelados a questões religiosas e marciais, tomando às questões marciais como dons divinos, no entanto, entendo que os valores orientadores dos capoeiristas de Teresina, se diferenciam desses “valores de valentia” definidos por Caldas, principalmente, por causa dos elementos que compõem o contexto sócio-político da capital do Piauí.

Os valores dos capoeiristas locais não estavam atrelados aos valores de ancestralidade e religiosidade africana como são os “valores da valentia” das maltas, que surgiram no contexto do Rio de Janeiro e de Salvador do século XIX, eles estão voltados, em primeiro momento, para questões físicas e técnicas, e em um segundo momento, após o começo da institucionalização dos grupos, também foi composto por valores mercadológicos. Assim, a *autoafirmação* (que é uma categoria nativa) que legitimava ou não um capoeirista ou grupo estava ligado a esses valores, delimitado aqui, como “valores de *autoafirmação*”. Esses “valores de *autoafirmação*” orientavam as ações dos capoeiristas no processo de legitimação individual e, tinham como principal “mecanismo de interação” presente na comunidade da capoeira de Teresina a *pancadaria*, mas não só, pois também se desenvolvia nas dimensões artísticas, culturais e políticas da capoeira.

O capoeirista poderia ser legitimado como um bom lutador, por meio da *pancadaria*, todavia, essa não é a única dimensão que compõe a prática da capoeira. Por exemplo, o capoeirista poderia não ser um bom lutador, mas, por outro lado, poderia ser bom tecnicamente na parte musical, no canto e no toque, na organização de um grupo ou na atuação política.

A *pancadaria* se define como uma subcategoria que se enquadra na categoria mais ampla de “conflito” e a dinâmica entre esses grupos pautada na disputa física, narrada de forma a retratar agressões em demasia através da expressão “briga de rua” perdurou até a década de 1990, como mostra Robson Silva ao citar a reportagem escrita pela redatora Soraia Cristina, intitulada “Capoeira: arte ou violência” que foi publicada na Revista “*Impacto*”, produzida pela Fundação Monsenhor Chaves (FMC)<sup>23</sup>, no ano de 1991, pois em determinado momento:

O texto passa a abordar a questão da violência, atrelando esta à falta de conhecimento e total ignorância de significativa parcela da população piauiense a respeito da Capoeira, reforçada pela representação que se tinha sobre a acentuada disputa entre

<sup>23</sup> Órgão da Prefeitura Municipal de Teresina (PMT) que trata das questões culturais da cidade.

os Grupos que sempre marcou a história da Capoeira não somente em Teresina, mas em todo Brasil e que foi aumentando a partir da década de 1980 com a ascensão dos grandes Grupos de Capoeira que surgiam no formato de empresas tendo uma sede e várias filiais espalhadas pelo país e no exterior disputando os alunos como clientes e fortalecendo suas marcas acima dos valores e *fundamentos* particulares da arte, e que crescia em significância ao se assistir a execução dos golpes em número e velocidade impressionantes, a maioria explosivos e de uma plasticidade marcante, o que acaba por criar no imaginário de muitas pessoas a ideia de violência, de marcial (SILVA, 2012, p. 177).

Observa-se assim, que o conflito entre os segmentos ao longo do desenvolvimento histórico da comunidade da capoeira de Teresina extrapolaram as questões físicas e técnicas de *autoafirmação* individual e coletiva e passaram a se desenvolver de maneira institucionalizada, realocando o conflito para outras dimensões da vida social teresinense em virtude das relações mercadológicas e políticas. Pode-se dizer que a ascensão e a expansão dos "grupos no formato de empresas", em âmbito nacional e regional, agiu como propulsor para a "legitimação social" da capoeira, inserindo-a como um produto rentável na sociedade teresinense.

Essa corrida para entrar no mercado no qual estão inseridos os "grupos em formato de empresa", pretende organizar a capoeira em duas dimensões: 1- pela via da federalização dos grupos de capoeira, por meio de instituições representativas e reguladoras, que compreendem o profissional capoeirista como um atleta; 2 – pela autonomia do capoeirista e dos grupos de capoeira, detentores de um saber cultural (tradicional) e que deve ser regido pelos princípios políticos e hierárquicos consolidados dentro do sistema organizacional da capoeira, como, por exemplo, através das "unidades sociais" que constitui um "sistema de linhagem" (o tema das "unidades sociais será mais bem desenvolvido no tópico seguinte).

A capoeira foi promulgada pelo IPHAN como patrimônio imaterial brasileiro no ano de 2008, pelo Ministério da Cultura, no comando do então Ministro Gilberto Gil sendo registrada em dois livros devido sua complexidade e pelos objetivos da patrimonialização: 1 - *Roda de Capoeira* registrada no Livro "Expressões Culturais"; 2 - *Ofício do Mestre de Capoeira* no Livro "Saber e Ofícios". Segundo Brito e Silva (2020) esse processo que tornou a capoeira patrimônio imaterial do Brasil foi uma vitória para o segmento que defende a capoeira como uma manifestação cultural.

Todavia o processo que permite a salvaguarda (que é um processo que deve ser feito em cada unidade da federação, por causa das peculiaridades que a capoeira adquire em cada contexto) só pode ser realizado a partir da iniciativa das associações, conselhos, federações e/ou

confederações estaduais em parceria com as superintendências estaduais do IPHAN (ADINOLFI, 2018). Essa situação também divide o debate dentro da “comunidade da capoeira” principalmente pela burocracia existente tanto na constituição de uma instituição que represente todos os segmentos da comunidade, quanto pela exclusão de grande parte dos membros dessa comunidade por causa da falta de acesso aos conhecimentos técnicos e burocráticos (como, por exemplo, compreender e saber agir para construir um CNPJ), e ainda, pela falta de informações<sup>24</sup>.

A primeira tentativa de organização dos segmentos da capoeira em uma federação (Federação Piauiense de Capoeira – FPC) foi realizada no ano de 1983, por Mestre Albino (ACCEB) e viabilizada pela vinda de Mestre Guarulhos para Teresina, que era filiado a Federação Paulista de Capoeira (FPC). No entanto, a criação e o funcionamento dessa entidade representativa, não agradou a todos, sobretudo, por que os grupos aqui organizados já rezavam por suas autonomias, por tanto eram contrários a uniformização de todos os grupos e homogeneização dos fundamentos e “regras” da capoeira. Já no ano de 1986 é criada a Associação Quilombo Capoeira (Mestre Tucano e Mestre Jonh Grandão) que organiza outros grupos e que de certa maneira faz uma oposição institucional à Federação Piauiense de Capoeira – FPC (SILVA, 2012).

A ênfase desse capítulo até o momento foi dada aos valores, modos de ação e mecanismos de interação que fizeram parte do processo de emergência, consolidação e legitimação social da capoeira na cidade de Teresina, como uma prática organizada institucionalmente. Observa-se que os capoeiristas e grupos de capoeira da cidade, em situações sociais diversas, constroem vários tipos de relações conflituosas, amigáveis, comerciais, políticas, formais e informais que o constitui como sistema organizacional específico.

---

<sup>24</sup> Essa dicotomia ficou nítida na fala de dois palestrantes, Mestre Olímpio (Escola de Capoeira Mestre Bobby – ECMB) e Elaine Corrêa Dutra (Presidente da Federação de Capoeira do Maranhão e Conselheira Estadual de Cultura/Patrimônio Cultural), que aconteceu no dia 26 de maio de 2019. A fala de Mestre Olímpio focou principalmente na dificuldade que os grupos sentem em ter acesso às políticas públicas voltadas para a capoeira no Estado do Ceará devido a obrigatoriedade de possuir CNPJ. Essa dificuldade se tornou um problema que está tentando ser driblado a partir da refutação dessa obrigatoriedade. Já a fala de Elaine, demonstrou a centralidade da FCM em relação a organização e representação dos grupos do Estado do Maranhão e a forte atuação da federação no processo de salvaguarda e fomento da capoeira nesse estado.

## 2.2 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA CAPOEIRA DE TERESINA

A capoeira constituída e operada dentro das relações sociais não se configura como uma manifestação (cultural, artística, política ou marcial) estática, que mantém a mesma organização e estrutura social no decorrer de sua história. As mudanças que ocorrem na capoeira são geradas por conflitos, negociações e contratos, disputa de poder, disputa de mercado, disputa por políticas públicas que interferem diretamente na realidade dos diversos segmentos que existem dentro desse universo e que extrapolam a simples sistematização das diferentes modalidades de capoeira.

Max Gluckman (1987) se propôs a pesquisar as relações sociais entre africanos e africanos brancos no norte da Zuzulândia, que é parte do território da África do Sul, a partir da análise dos “comportamentos sociais” dos indivíduos em diferentes “situações sociais”, porque, segundo o autor, os dados levantados nessas “situações sociais” ao serem analisados de maneira comparativa, oferecem elementos necessários para a compreensão mais ampla do “sistema social” desse contexto. O autor entende que:

[...] uma situação social é o comportamento, em algumas ocasiões, de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado com seu comportamento em outras ocasiões. Desta forma, a análise revela o sistema de relações subjacente entre a estrutura social da comunidade, as partes da estrutura social, o meio ambiente físico e a vida fisiológica dos membros da comunidade (GLUCKMAN, 1987, p. 238).

A perspectiva teórico-metodológica defendida por esse autor me direciona para uma pesquisa que extrapola a compreensão apenas da realidade do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) e da Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC), dando-me a possibilidade de analisar as relações entres os diversos segmentos da capoeira em Teresina, isso porque posso “analisar amplamente como e em que profundidade” (GLUCKMAN, 1987, p. 228) o GMC e a ACMC estão inseridos na “comunidade da capoeira de Teresina” [...] e como estas relações são afetadas e afetam a estrutura” (GLUCKMAN, 1987, p. 228) social dessa comunidade.

No dia Estadual da Consciência Negra no Piauí (06/11) de 2019 fui acompanhar uma roda de capoeira denominada de Axé Zumbi, que aconteceu na Praça dos Orixás<sup>25</sup> por iniciativa do Grupo Afro Cultural Coisa de Nego<sup>26</sup>. O objetivo da realização dessa roda era dar início às atividades e festividades que o referido movimento iria realizar no mês de novembro, em comemoração ao mês da consciência negra<sup>27</sup>, em vários lugares da cidade de Teresina e do interior do Estado, como na cidade de Pedro II. A roda contou com a presença de quatro grupos de capoeira: a Associação Cultural Raízes do Brasil (RDB), a Escola de Capoeira Ginga Piauí (ECGP), o Grupo Naginga de Capoeira e a Associação Cultural Movimentação Capoeira.

A primeira atividade realizada no evento foi um *aulão* ministrado por Mestre Diogo (ECGP) que era acompanhado pela musicalidade da *bateria* composta por alguns de seus alunos e por Mestre Touro (RDB)<sup>28</sup>. Dos grupos de capoeira que participaram do evento, não estavam presentes nesses dois momentos apenas os capoeiristas da ACMC.

Pouco depois do início do *aulão* Formando Zudu (ACMC) chega sozinho, sem seus alunos, e vai até meu encontro, nesse momento lhe perguntei se seus alunos não iriam comparecer, e sua resposta me deixou curioso. Ele falou que não trouxe seus alunos, porque naquele evento tinham dois grupos que a ACMC não se relacionava de forma amigável, se referindo ao RDB e o ECGP. Essa intriga, segundo Formando Zudu, *era história antiga*, ocasionada por jogos muito violentos e por discordâncias políticas entre os grupos, especialmente, entre a ACMC e a RDB<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> Praça localizada no Bairro São Joaquim, Zona Norte de Teresina. Foi construída para representar a religiosidade afro-brasileira que é muito presente nessa região da cidade, sua estrutura contém esculturas que representam entidades sobrenaturais do panteão das religiões afro-brasileiras, sobretudo, do Candomblé e da Umbanda.

<sup>26</sup> Bloco afro-brasileiro que se apresenta na Avenida Boa Esperança, Zona Norte de Teresina, no primeiro dia de carnaval. Esse bloco também atua politicamente para diminuir o preconceito contra a população negra do Piauí, vários de seus representantes estão em cargos públicos que atuam nessa perspectiva, como Assunção Aguiar que é diretora do Conselho Estadual de Igualdade Racial e sua irmã, Antônia Aguiar, coordenadora do Memorial Esperança Garcia.

<sup>27</sup> A escolha da Praça dos Orixás, segundo os líderes do Movimento Cultural Coisa de Nego aconteceu pela forte representatividade e resistência que o espaço tem para a comunidade negra de Teresina, e que, segundo os organizadores, necessita ser ocupada com a cultura dessa comunidade. A escolha da capoeira foi motivada porque a capoeira representa a resistência do povo negro brasileiro, por meio da música, da dança, da luta e da arte, e como sendo uma expressão forte desse povo não poderia ficar de fora de seu calendário de atividades.

<sup>28</sup> Para saber mais sobre Mestre Touro acesse: <https://mestretouropi.webnode.com.br/mestre-touro/>

<sup>29</sup> Essa história antiga pode estar relacionada ao processo de segmentação que aconteceu entre o RDB e o ABADÁ-CAPOEIRA.

Esse conflito entre os grupos ficou mais nítido em dois momentos, na roda e no intervalo da roda. A roda foi coordenada por Mestre Touro (RDB), capoeirista de maior graduação, prestígio e poder político, que tocava atabaque e cantava. O Maculelê deu início a essa etapa do evento e foi performatizado pelos capoeiristas dos vários grupos que se faziam presentes, ou como foi enfatizado em vários momentos por Mestre Touro, por capoeiristas de diferentes *bandeiras*. Depois de algum tempo houve uma mudança de ritmo e a roda foi conduzida para o ritmo de Regional, que se iniciou com apresentações de salto e jogos solos (capoeirista fazendo movimentos de frente para o público) e em seguida começaram os jogos dois a dois, que mais uma vez eram jogados pelos capoeiristas das diferentes *bandeiras*<sup>30</sup>.

No momento do Maculelê, Formando Zudu tentou entrar na roda duas vezes, entretanto foi impedido por outros capoeiristas, que tomaram sua frente, o que o deixou irritado. Mestre Touro, ao perceber a situação, solicitou que um capoeirista que iria entrar na roda, desse espaço para Formando Zudu, e foi o que aconteceu. Essa situação se repetiu quando um dos graduados<sup>31</sup> de Formando Zudu tentou entrar na roda e não conseguiu, conseguindo apenas, com a intervenção de Mestre Touro.

Em determinado momento da roda, houve a chegada do Secretário de Cultura do Estado do Piauí, que também é Deputado Estadual, e pré-candidato a prefeito pelo Partido dos Trabalhadores (PT) – Fábio Novo. Ele foi recepcionado pelos membros do Grupo Afro Cultural Coisa de Nego e por Formando Zudu. Depois de alguns minutos a roda foi interrompida e Mestre Touro anunciou e convidou Fábio Novo (dizendo que ele seria o possível prefeito de Teresina no pleito de 2020). Convidou também os membros do Movimento e Grupo Afro Cultural Coisa de Nego e os capoeiristas que realizam trabalhos sociais nos bairros da Zona Norte, menos Formando Zudu.

Formando Zudu que estava ao meu lado, disse: *tá vendo aí, me excluíram, tão fazendo isso faz é horas e é porque estão no lugar que eu dou aula, pois para aí, olha o que eu vou fazer*. Após essa fala o interlocutor saiu em direção onde estavam posicionados os anunciados por Mestre Touro, falando em um tom de voz alta, “eu sou Formando Zudu da APMC, e dou aula aqui e em outros projetos sociais”. Esse gesto deixou os participantes do evento surpresos,

---

<sup>30</sup> O termo *bandeira* é trabalhado melhor na página 17, todavia, é importante assinalar que ele é utilizado para distinguir e separar de forma oposta os grupos de capoeira.

<sup>31</sup> Esse foi o único capoeirista que Formando Zudu levou para o evento. Segundo ele, esse capoeirista estava apto a responder a altura, possíveis investidas mais fortes de outros capoeiristas.



porque interrompeu as coligações e as relações de solidariedade que construía o ambiente para os discursos a serem proclamados, em especial do então Deputado Fabio Novo e, também, tornou público o conflito existente entre os grupos.

Esse conflito está ligado aos mecanismos de interação da organização política da “comunidade da capoeira de Teresina”, que se opõem e se unem em diferentes situações sociais, proporcionando os processos de segmentação e de agregação entre os membros dessa comunidade, que são: 1- a representatividade dos capoeiristas por meio de uma instituição ou indivíduo; 2 - autonomia política e organizacional dos grupos de capoeira; 3 - a linhagem.

Quatro grupos de capoeira participaram desse evento, desses quatro, tenho conhecimento de apenas dois grupos que se *auto-identificam* com uma das vertentes da capoeira presente na cidade de Teresina, ou seja, a Associação Raízes do Brasil (RDB) que se *auto-identifica* enquanto um grupo de Capoeira Regional (CR), e a Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC) que se *auto-identifica* como grupo de Capoeira Contemporânea (CC). Nesse momento esbarramos em uma questão central para que se entenda que essas vertentes não são rígidas ou imaleáveis, pelo contrário, elas estão em constante processo de construção e ressignificação. Por exemplo, a Associação Raízes do Brasil (RDB) se *auto-identifica* enquanto um grupo de CR, mas segundo Edilson Nascimento, que tem a graduação de monitor nesse grupo, a RDB também tem elementos da Capoeira Angola (CA) que fazem parte dos treinos, rodas, campeonatos, em suma, de todas as suas atividades.

Esse posicionamento da RDB enquanto praticante da Capoeira Regional, mas que também joga Capoeira Angola, nos proporciona questionar cada uma dessas modalidades e quais *fundamentos* norteiam a ação desses grupos. Brito (2017), entende que “os *fundamentos* são elementos legitimados pela tradição”, que são “conjuntos de normas específicas” (BRITO, 2017, p. 41), e ainda, que são “marcadores diacríticos” que assinalam a alteridade entre as diferentes linhagens da Capoeira Angola<sup>32</sup>. Brito utiliza o termo fundamento, ao invés, por exemplo, de princípios, elementos, valores ou “marcadores identitários”, porque essa é uma categoria que emerge do próprio universo dos *angoleiros*, o que faz o autor partir:

---

<sup>32</sup> Esse sistema que organiza as relações entre os grupos de Capoeira Angola é definido pelo autor, como “sistema de linhagem da Capoeira Angola”, que por meio da categoria *fundamento*, compõe e divide as “unidades sociais” de “linhagem”, “grupo” e “núcleo” em diferentes dimensões.

[...] da hipótese de que a categoria nativa de “fundamento” é responsável pela organização dos grupos de Capoeira Angola, em diversos lugares do mundo, alocando os sujeitos e grupos no interior de um sistema organizacional, por meio do qual esses sujeitos e grupos estabelecem determinados tipos de relações sociais e mobilidades (BRITO, 2017, p. 42).

“O *angoleiro* constrói uma identidade cambiante a partir do momento em que as dimensões do sistema de linhagens correspondem a diferentes identidades, de acordo com o contexto e situação” (BRITO, 2017, p. 76), o que permite ao *angoleiro* ou o grupo construir especificidades em relação a uma das “linhagens” que se *auto-identifica* dentro da “comunidade da Capoeira Angola” e que, permite assim, serem legitimados por essa comunidade como *angoleiros*. A entrada de um grupo em uma “linhagem” na CA é possibilitada por meio de dois princípios: *apadrinhamento* e *filiação*.

Esses princípios de *apadrinhamento* e *filiação* que permitem o indivíduo e/ou grupo se legitimarem enquanto membros de uma “linhagem” da CA, também são princípios presentes na realidade da “comunidade da capoeira de Teresina”, por meio daquilo que eles denominam de *parceria*. Esse termo diz respeito às relações simbólicas, afetivas ou objetivas, pautadas na reciprocidade que são criadas entre os capoeiristas e/ou *bandeiras* e que podem extrapolar situações momentâneas.

Uma forma de *parceria* estabelecida entre os segmentos da “comunidade da capoeira de Teresina” pode ser definida analiticamente como “parceria afetiva”, que são as relações que se estabelecem entre os capoeiristas ou grupos de capoeira a partir das relações de amizade, subjetividade e camaradagem, que podem ser duradouras ou momentâneas, que se efetiva na construção e operacionalização de *rodas de rua* e *rodas na rua*, eventos de capoeira ou de outro gênero (como na participação da Associação Cultural Movimentação Capoeira na Cultura Negra Estaiada na Ponte<sup>33</sup>, no ano de 2017), visitas, etc.

Um exemplo desse tipo de *parceria* é o *apadrinhamento*, que pode ser considerado uma forma de “parceria afetiva” que se constitui como um processo de “agregação segmentar”, que uni e cria laços, momentâneos ou duradouros, entre os capoeiristas e grupos, acontecendo em

---

<sup>33</sup> Evento realizado anualmente no mês de agosto com o “objetivo de promover a igualdade e inclusão social dos povos de matriz africana, o Cultura Negra é um espaço para mostrar uma das grandes expressões do país e revelar a capacidade de produção desses grupos. [...] O Cultura Negra Estaiada na Ponte chega em sua sétima edição com uma grande voz, pela expressão dos povos e pela importância de tratar sobre a intolerância religiosa que ainda se faz presente em nosso país”, disse Pai Rondinele de Oxum, vice coordenador Nacional do Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro Brasileira/CENARAB (FMCMC, 2019, s/p).

várias dimensões, que vão desde a legitimidade e certificação do título de mestre a um capoeirista, até a legitimação do trabalho de um “coletivo de capoeira”<sup>34</sup>, como um “grupo de capoeira”. Esse *apadrinhamento* delimitado como uma “parceria afetiva” da “comunidade da capoeira de Teresina” difere do *apadrinhamento* da CA, porque o grupo *apadrinhado* não precisa seguir os mesmos *fundamentos* do grupo que o *apadrinhou* ou no caso, se submeter a sua “linhagem”.

Uma segunda categoria que pode ser analiticamente construída a partir da categoria nativa *parceria* é à “parceria contratual” que são as relações estabelecidas pelos capoeiristas e/ou grupos que vão além das relações de amizade, camaradagem, momentâneas e se constituem como relações contratuais que possibilitam a construção de uma nova *bandeira*. A “parceria contratual” pode ser definida de duas formas: 1 – realizada por capoeiristas que não são vinculadas a nenhuma *bandeira*, mas que ao se unirem criam sua própria bandeira; 2 – quando está ligada a noção de *filiação* que não remete a descendência, a uma genealogia, como do pai e da mãe em relação ao filho, não se trata de algo consangüíneo e fixo, mas algo socialmente estabelecido e passivo de alterações e de rearranjos. Refere-se à adesão de um capoeirista a uma *bandeira* já existente e assim como acontece no mercado essa *filiação* é reversível, haja vista, que alguns capoeiristas trocam de *bandeiras*, como aconteceu com Mestre Jabiraca (GMC).

Seja o surgimento de uma *bandeira* proporcionada pelo processo de segmentação seja pelo processo de agregação segmentar (*apadrinhamento*, *filiação*, “parceria contratual”) observo que a organização sociopolítica da capoeira em Teresina não tem, necessariamente, como ponto focal o sistema de linhagem como principal estruturador dessa organização. Wagner (2011) e Gluckman (1987) possibilitam dizer isso haja vista que os dois autores problematizam a categoria grupo, especificamente, “grupos de descendência”. Wagner diz que nossa sociedade se baseia em uma forma de organização social que concentra e enquadra a pessoas em grupos, pois:

Vivemos em uma cultura na qual fundar, integrar, tornar-se membro e participar de grupos é uma questão intencional e importante. As constituições de nossas nações

<sup>34</sup>Categoria analítica desenvolvida por Childer Silva (2020) a partir da categoria nativa de *coletivo*, que emergiu na realidade do Coletivo Domingos de Angola. De maneira resumida a categoria “coletivo de capoeira” faz contra ponto a noção de grupo corporado, e segundo Mestre Jabiraca (GMC) esse termo significa uma: *Reunião ou o agrupamento de capoeiristas que se unem em torno de um objetivo em comum independente do lugar* (Mestre Jabiraca, apud, Silva, 2020).

baseiam-se em uma noção de “contrato social”, um ato ou evento consciente de alguma espécie que deu início à existência da sociedade. Os cidadãos são membros desses colossais “grupos de descendência” (WAGNER, 2010, p. 2011).

Os conflitos gerados por meio das *pancadarias*<sup>35</sup> nas *rodas de rua*, nas *rodas na rua*, na Creche do Lima e em vários outros espaços e “situações sociais” proporcionam a constituição e/ou fortalecimento das *parcerias* entre os capoeiristas e o surgimento (por meio das “parcerias contratuais”) e a “legitimação” de algumas *bandeiras* dentro e fora da “comunidade da capoeira de Teresina”. Mas esses conflitos não apenas firmam essas *parcerias*, como também, proporcionam uma série de rompimentos e segmentações, como foi falado no tópico anterior, que também possibilita a constituição de novas *bandeiras*, pois:

Ao contrário de uma visão funcionalista muito difundida de que o conflito promove a unificação dos “de dentro” contra os “de fora” do grupo envolvido, em nossas análises essa fronteira está o tempo todo em questão. A linguagem da intimidade e da confiança, que aponta para ativas nos enfrentamentos, não se dissocia da linguagem da traição e da desconfiança, que sucinta permanentemente a possibilidade do “inimigo interno”, fazendo com que o conflito gere novos conflitos no próprio âmbito de cada parte envolvida. O poder de impor a definição daquilo que constitui demonstração de fidelidade e infidelidade ao grupo em situação [...] vai se dispondo ao longo do processo e constituindo hierarquias válidas, necessariamente voláteis, em cada situação (CORMERFORD; CHAVES; MARQUES, s/a, p. 38).

Nessa perspectiva a unidade social “linhagem” que organiza os *angoleiros* em extensos “grupos de descendência” ligados pelos fundamentos característicos ao sistema mais amplo tem que ser relativizada quando se trata da organização social da “comunidade da capoeira de Teresina”, porque as *bandeiras* que podem ter surgido de uma *bandeira* em comum, se *auto-identificam* como membros de diferentes modalidades (o que possibilita a reconstrução dessas modalidades), e ressaltam sua autonomia e/ou independência. A “linhagem” quando usada pelos capoeiristas da cidade de Teresina muitas vezes tem apenas um valor nominal, pois reúne elementos que podem ser usados na distinção entre os grupos. Assim como Cornerford, Chaves e Marques (s/a) pensam a família para além dos laços de parentesco, grupos de descendência e/ou linhagem, compreendo que uma “bandeira”:

---

<sup>35</sup> Ver página 36 do tópico 2.1, A Capoeira na Cidade de Teresina.

[...] apresenta-se como fenômeno comunitário, local e privado, mas também como capital político, jurídico e militar, associado a uma multiplicidade de locais [...] um entrecruzamento entre ditas esferas institucionais – jurídicas e repressivas, inclusive – e o público como âmbito de comunicação e significação social, em que o prestígio, as reputações, o estatuto moral são capazes de redefinir e inflexionar a própria interpretação da regra e aplicação da lei [...] Esses conflitos não são privados, são públicos no sentido em que incorpora coletividades, uma audiência que significa [...] o público se apropria dos conflitos e os torna matéria prima da construção de um campo de comunicação e de uma comunidade moral [...] O reconhecimento de um conflito em curso, por parte de um público, implica o reconhecimento das partes envolvidas no conflito e de suas fronteiras, inclusive por elas próprias (CORMERFORD, CHAVES E MARQUES, s/a, p. 36/37).

Tomar as *bandeiras* como um “fenômeno comunitário” e o conflito como algo público é que permitiu perceber como o conflito foi operacionalizado nas relações e como essa categoria estruturou e foi reestruturada ao longo do processo de emergência, consolidação e expansão da “comunidade da capoeira de Teresina”. O conflito físico que *auto-afirmava* capoeiristas, “coletivos de capoeira” e *bandeiras* por meio da *pancadaria*, transportou-se para um conflito institucionalizado marcado pela gestão da violência (o que, ressaltado, não exclui definitivamente a realização de jogos de *pancadaria*) e pelas relações diplomáticas entre os diferentes segmentos que compõe a referida comunidade. Para compreender como acontecem as relações que institucionalizaram o conflito e que são reflexos desse processo de institucionalização, que será trabalhado no capítulo 3, é necessário que antes eu faça uma reflexão mais aprofundada sobre o que e como se constitui uma *bandeira*.

### 2.3 FORMAÇÃO DE UM GRUPO

A “unidade social” básica e central da “comunidade da capoeira de Teresina”, como afirmei no tópico anterior, são as *bandeiras*, que se constituíram por meio de frequentes processos de segmentação e *parcerias* (“parcerias contratuais” – *filiação*) impulsionadas pelos conflitos. O relato que se segue tem como objetivo compreender, por meio da análise da realidade do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC), coordenado por Mestre Jabiraca (*filiação*) e da Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC), coordenada por Mestre Cebola (segmentação), como é esse processo de construção de uma *bandeira* tendo em vista os processos já citados.

Mestre Jabiraca começa no mundo da capoeira no ano de 1982, através do livro “Capoeira sem Mestre” e logo após se mudar para o Bairro Por Enquanto, Zona Norte de

Teresina, passa a ter vivências com Mestre John Grandão do Grupo Nova Lua Capoeira<sup>36</sup> (GNLC). Mestre Jabiraca afirma que não se *filiou* ao GNLC. Contudo, ao se mudar para o Bairro Buenos Aires, Zona Norte de Teresina, no ano de 1986 o referido mestre se *filiou* ao Grupo Jongo (GJ) que depois de algum tempo passou a se chamar Grupo Mocambo (GMO). Esse grupo era coordenado na época pelo Professor Zumba e realizava suas atividades na Creche do Lima, localizada no Bairro Mocambinho. Professor Zumba coordenou o Grupo Mocambo até o ano de 1992:

Quando ele se afastou na época, muita gente também parou, deixando eu tomando conta do grupo, porém, naquela época as pessoas achavam que eu não tinha condição de segurar o trabalho. Mas com muita persistência graças a Deus, o Mestre Monteiro também veio treinar com a gente aqui, Paulinha que é aluna do Mestre Paulinho Velho [...] Então a gente ficou esse tempo todo treinando aqui, aí a galera viu que a gente estava segurando o trabalho e começaram a voltar todo mundo de novo (Mestre Jabiraca. Entrevista concedida ao autor no dia 06 de novembro de 2018).

Contramestre Beto<sup>37</sup> também corrobora com essa afirmação de Mestre Jabiraca, quando diz que:

Sim, na época o Grupo Mocambo era coordenado pelo Raimundo Nonato, Professor Zumba. Depois o Grupo Mocambo passou a ser coordenado pelo Mestre Jabiraca que na época ainda era aluno e depois passou a ser considerado Professor e toda a documentação do grupo foi repassada para ele (Contramestre Beto. Entrevista concedida ao autor no dia 20 de abril de 2020).

Como foi afirmado por Contramestre Beto, Mestre Jabiraca ainda não possuía o título de mestre naquela época e havia adquirido recentemente o título de professor justamente pelo fato de começar a coordenar o Grupo Mocambo. Depois de quatro anos, em 1986, o referido mestre filia-se ao Grupo Muzenza de Capoeira motivado pela busca de um conhecimento mais

---

<sup>36</sup> Mestre John Grandão agora é Mestre do Grupo Capoeira Contemporânea (GCC).

<sup>37</sup> Formado Contramestre como aluno da *filial* de Mestre Jabiraca, é um dos membros da diretoria do GMC do Piauí.

qualificado. Essa investida foi consolidada com auxílio de Mestre Brutus<sup>38</sup> que levou Mestre Jabiraca para Fortaleza para conhecer Mestre Burguês<sup>39</sup>:

Chegando em Fortaleza conheci Mestre Burguês e a gente conversou, na época tinha a corda de estagiário que era a corda preto e branca. Falei com ele sobre minhas necessidades e sobre as dificuldades que a gente tinha aqui no Piauí naquela época. Fiquei no estágio durante nove meses, aí depois eu retornei à Fortaleza e passei por essa fase de transição dentro do Grupo, na época, ele me graduou contramestre de primeiro grau, daí em diante, estou até hoje no Grupo Muzenza [...] hoje, estou com três projetos sociais, paralelamente com a academia do Grupo Muzenza (Mestre Jabiraca. Entrevista concedida ao autor no dia 6 de novembro de 2018).

O Grupo Muzenza de Capoeira (GMC), coordenado por Mestre Jabiraca, surge como uma nova *bandeira* em Teresina, a partir da *filiação* do referido mestre em uma *bandeira* que já existia no cenário nacional e internacional. É válido salientar que o GMC se constitui a partir de uma segmentação que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1972, com a saída de Mestre Paulão do Grupo Capoeira de Obaluaê (GCO), coordenado por Mestre Mintirinha. A expansão da *bandeira*<sup>40</sup> do GMC foi realizada por Mestre Burguês<sup>41</sup> por meio da abertura da primeira filial no Sul do Brasil, na cidade de Curitiba (PR) e, principalmente, pela construção de uma ideologia própria do grupo<sup>42</sup>.

Esse processo vivenciado por Mestre Jabiraca que possibilitou a emergência do Grupo Muzenza na “comunidade da capoeira de Teresina” e de sua expansão para cidades do interior do Piauí e do Maranhão representa uma das dimensões pelas quais as *bandeiras* se constituem, no caso, a *filiação*. Outra forma de constituição de uma *bandeira* é a que possibilitou o

---

<sup>38</sup> Um dos coordenadores do GMC do Piauí e de algumas filiais de cidades do Maranhão junto com Mestre Jabiraca.

<sup>39</sup> Fundador e Presidente geral do GMC, com sede em Curitiba-PR.

<sup>40</sup> Segundo o site oficial o GMC conta com *filiais* em 26 estados brasileiros e em 47 países ([www.muzenza.com.br](http://www.muzenza.com.br)).

<sup>41</sup> “Tudo começou com o Mestre Paulão, o Mestre Burguês criou uma nação e saiu pelo mundo para conquistar, hoje tem Muzenza em todo lugar. É Muzenza, a tribo guerreira chegou pra lutar, Muzenza, do Rio de Janeiro até o Paraná. Osvaldo de Boa, Mestre Paraná, a nossa raiz vem de um bom lugar, Mestre Mintirinha e o Mestre Paulão, Mestre Burguês é o rei da nação” (música do GMC).

<sup>42</sup> O Grupo Muzenza tem como objetivo direto, difundir a prática da capoeira como filosofia principal de seu trabalho, seja buscando o desenvolvimento técnico, teórico e didático-pedagógico da capoeira como arte, luta, cultura, profissão e filosofia (MENEZES, s/a, p. 4).

surgimento da Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC), que foi idealizada por Mestre Cebola, isto é, a “segmentação”. Mestre Cebola afirma que iniciou sua trajetória no universo da Capoeira no ano de 1985. Esse início aconteceu em treinos “de rua”, como ele mesmo afirma:

[...] Eu brincava na rua com os meninos que já treinavam capoeira na Senzala [grupo]. Foi onde eu aprendi a brincadeira de dar os saltos mortais, brincar de floreio, esses meninos me ensinavam alguns golpes de capoeira, que eles já treinavam na Senzala na época. Depois disso eu entrei em um projeto chamado Curumim que era coordenado pelo Mestre Monteiro, que dava aula de capoeira que no Grupo Escravos Brancos. Treinei por um período de dois anos na década de 1980 e, depois de dois anos fui pro Grupo Senzala (Mestre Cebola. Entrevista concedida ao autor no dia 12 de maio de 2019).

Mestre Cebola deu início ao que chamou de *atividades didáticas com a Capoeira* na cidade de Altos-PI. Segundo o interlocutor, ele foi o primeiro capoeirista do ABADÁ-CAPOEIRA (como vimos, esse grupo é uma das segmentações do Grupo Senzala) de Teresina que saiu para realizar trabalhos sociais com a capoeira no interior do Piauí. Em seguida, começou a realizar trabalhos sociais em alguns bairros da capital do estado, entre eles, os Bairros Santa Maria da Codipi, Parque Brasil, São Joaquim, todos localizados na Zona Norte de Teresina e, no Bairro Três Andares, situado na Zona Sul dessa cidade.

No ano de 2013, Mestre Cebola deixa o ABADÁ-CAPOEIRA e é acompanhado por parte de seus alunos graduados o que possibilitou a fundação da ACMC. Segundo o referido mestre, a idealização e a construção da ACMC teve como principal objetivo criar uma *bandeira* genuinamente piauiense, o que se constitui como um contraponto ao domínio dos “grupos em formato de empresa” na “comunidade da capoeira de Teresina”<sup>43</sup> e, uma negação a linhagem, haja vista, que o termo genuinamente piauiense, representa uma ruptura total a uma *bandeira* que pode ser considerada, a partir de sua cidade sede, como uma *bandeira* genuinamente carioca.

Constituído através da *filiação* ou da segmentação as *bandeiras* se auto-identificam como autônomas e/ou independentes e tanto o GMC quanto a ACMC se constituem como

---

<sup>43</sup> Assim como o Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) e a Associação Cultural Raízes do Brasil (RDB), no qual as sedes ficam localizadas em cidades de outros estados, nesse caso o ABADÁ-CAPOEIRA tem sua sede na cidade do Rio de Janeiro-RJ.



associações culturais regulamentadas através de CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica). Mestre Jabiraca com o auxílio de alguns graduados do GMC cria uma diretoria/conselho<sup>44</sup> (requisito básico para a criação de uma associação) que discute e toma as decisões daquilo que será realizado pelo grupo em Teresina. Nesse sentido, as filiais que estão sob a coordenação desse conselho devem seguir todas as indicações feitas para a realização de seus eventos, por exemplo, o batizado realizado na cidade de Buriti do Maranhão teve de ser avaliado e aprovado por Mestre Jabiraca ou pelo conselho, que por sua vez, teve que ser avaliado e aprovado pela coordenação geral do grupo sediada em Curitiba-PR.

Hoje existem filiais do GMC sob a coordenação de Mestre Jabiraca em cidades do estado do Piauí, como Nazária que fica localizada na região metropolitana de Teresina e, do estado do Maranhão, como Buriti e Timbiras. Pode-se dizer que os treinos no Ginásio Pato Preto e no Memorial Esperança Garcia servem como local de encontro entre os coordenadores de *filiais* e o mestre. São nesses encontros que são tratadas questões sobre as *filiais* e como andam o trabalho em cada uma delas. Mestre Jabiraca também faz visitas constantes a suas filiais, tanto como forma de supervisionar, quanto para transmitir os *fundamentos* do GMC para o coordenador da *filial* e seus alunos<sup>45</sup>.

Nos mesmos moldes do GMC a ACMC também é regulamentada como uma associação cultural e teve de obedecer aos mesmos requisitos como criar uma diretoria ou conselho que é composta pelos capoeiristas mais graduados da *bandeira*. Mestre Cebola atua como presidente e é o capoeirista que tem mais autoridade na tomada de decisões, no entanto, nas vivências que tive com a ACMC percebi que Formando Zudu tem uma posição superior na tomada de decisões em relação aos outros capoeiristas do grupo, primeiro devido a sua graduação (até final do ano de 2019, Zudu era o único Formando e agora divide essa graduação com mais dois

---

<sup>44</sup> Existe uma diferença, tanto no GMC quanto na ACMC, com relação a diretoria e ao conselho. A diretoria é formada relativamente apenas para cumprir com o que é solicitado pelo regulamento que legitima a abertura de uma associação, os membros são escolhidos para cada cargo de maneira aleatória, mas apenas entre um grupo seletivo, dos mais graduados. O Conselho, por outro lado, é composto pelo mesmo grupo seletivo, no entanto, o que define as posições de poder e de tomada de decisões é o sistema de graduação, a atuação em projetos sociais e o posicionamento político individual. São nesses conselhos que são decididas todas as questões internas das *bandeiras*.

<sup>45</sup> Por vezes, as relações sociais internas representam a diminuição das relações sociais externas, como afirma Mestre Jabiraca, ao dizer que não faz visitas constantes a outras *bandeiras* por que ele tem várias *filiais* para supervisionar e passar seus conhecimentos, o que ocupa muito de seu tempo. Todavia, percebi que essa afirmação se refere às visitas das atividades cotidianas que são realizadas nas filiais de outras bandeiras. Porque no decorrer das vivências que tive com Mestre Jabiraca ele realizou em conjunto com seus alunos, visitas a eventos de outras bandeiras e “coletivos de capoeira”, como na Roda de Carnaval, realizada na segunda feira de carnaval de 2019 em homenagem a Felipe Esdras (nota 37) um dos idealizadores da referida roda.

capoeiristas, Formando Mortal e Formando Víbora); segundo em virtude de sua influência e popularidade nas comunidades em que atua e nas relações estabelecidas com gestores de Secretarias Municipais e Estaduais que sempre lhe apoiam de alguma maneira. Dessa forma, Mestre Cebola e Formado Zudu são os únicos que organizam e fiscalizam as atividades das *filiais* da ACMC espalhadas por cidades do interior do Piauí, como Lagoa Alegre, Miguel Alves, Monsenhor Gil e por cidades do interior do Maranhão, como, Barão do Grajaú.

*É com bastante sofrimento, sem liberdade e opressão, com base nos fundamentos, nasceu Movimentação, Movimentação*<sup>46</sup>, que é uma espécie de apresentação e exaltação, chama muita atenção para o processo de construção da filosofia da ACMC. Dois elementos importantes podem ser tirados dessa parte, o primeiro diz respeito ao descontentamento com o contexto autoritário, que por meio da opressão tira a liberdade dos capoeiristas e causa sofrimento. Esse contexto pode estar relacionado tanto ao contexto social em que os capoeiristas estão inseridos, como ao contexto da *bandeira* do qual o grupo se segmentou. De um ou de outro contexto a ACMC surge a partir dos *fundamentos* da capoeira, que como já foi falado, boa parte foi trazido a partir das vivências que Mestre Cebola teve quando era *filiado* ao ABADÁ-CAPOEIRA. No entanto, Mestre Cebola diz que cada *bandeira* de capoeira da cidade tem sua própria filosofia, nesse sentido, quando o referido mestre fala que descende da linhagem do grupo ABADÁ-CAPOEIRA ele só faz uma referência que o possibilita diferenciar os *fundamentos* e os “mecanismos de organização” que adota na ACMC, que são diferentes de outras *bandeiras* que não tiveram uma “parceria contratual” com o grupo do qual se segmentou. Segundo o interlocutor a ACMC tem como filosofia:

Levar todo trabalho a sério, um deles é respeitar toda a história do mestre e seus alunos mais antigos; gostar no mínimo de treinar, pois não existe capoeirista sem treino, pois é através do treino que ele consegue melhorar sua técnica e sua didática para ministrar suas aulas. Ter compromisso com a escola; ajudar a escola no sentido de realizar trabalhos de capoeira. Se morar em outra cidade tem de se organizar para pelo menos uma ou duas vezes por mês ir até a sede vivenciar a aula com o mestre e os demais alunos da instituição (Mestre Cebola. Entrevista concedida ao autor no dia 12 de maio de 2019).

---

<sup>46</sup> Verso improvisado dentro de uma música do ritmo de Regional da ACMC, cujo verso principal é: *É a Movimentação chamou, é a Movimentação chegou Movimentação!*

Se a linhagem tem um valor nominal e substantivo na relação entre os grupos, ela atua como um importante “mecanismo de organização” dentro desses grupos. Percebe-se na fala de Mestre Cebola que os capoeiristas da ACMC devem respeitar a história de seu mestre e dos alunos mais antigos. Estes, por sua vez, não devem ficar restritos apenas aos coordenadores de *filiais* ou aos mais graduados, haja vista que o termo antigo pode estar relacionado tanto com a questão temporal, quanto com a questão hierárquica, que na maioria das vezes, não de maneira exclusiva, como será exposto no tópico 3.1 do capítulo 3, é organizada pelo *sistema de graduação*.

Os segmentos da “comunidade da capoeira” em um contexto nacional, como falei no tópico 2.1 do capítulo 2, página 41, produzem um debate histórico sobre a profissionalização da capoeira e do profissional capoeirista o que possibilita até o momento a constituição de *bandeiras* caracterizadas como “grupos em formato de empresa” e de *bandeiras* que se constituem como associações culturais. Essa duas formas de atuação dentro da “comunidade da capoeira” são oriundas das demandas por recursos financeiros que possibilitem aos capoeiristas, *bandeiras* e “coletivos de capoeira”, suprirem suas necessidades individuais e coletivas por meio do ensino da capoeira.

Um dos aspectos que define a prática da capoeira para o GMC é a profissão. Mestre Jabiraca atua quase que exclusivamente como professor de Capoeira, a maior parte da sua renda vem dos projetos sociais que desenvolve. As coordenações desses projetos sociais fazem com que ele adquira muitas funções, por exemplo, professor, coordenador, diretor e supervisor. Atuando como um profissional da capoeira, Mestre Jabiraca está inserido em um sistema organizacional interno ao GMC que ultrapassa os limites de um *sistema de linhagem* dos mestres e o coloca em uma posição de empregado, colaborador ou sócio já que o GMC se organiza como uma empresa.

Para ser membro do GMC o capoeirista deve pagar uma mensalidade ao coordenador da *filial* na qual ingressou. A cobrança dessas mensalidades e das taxas dos eventos demonstra bem como é a organização hierárquica entre os capoeiristas e as *filiais* do GMC, porque se constitui a partir do seguinte esquema: 1- mensalidade paga pelo aluno; 2 – mensalidade paga pelo coordenador de uma *filial* ao coordenador geral do grupo em uma região; 3 – mensalidade paga pelo coordenador geral de uma região a coordenação geral do grupo.

Na mensalidade paga pelos alunos ao coordenador de uma *filial* uma porcentagem de trinta por cento que vai para o mestre coordenador, por exemplo, a *filial* de Duque Barcelar-

MA, paga trinta por cento do valor arrecadado com os alunos para Mestre Jabiraca, que por sua vez, paga trinta por cento do valor arrecadado das *filiais* e dos alunos sob sua coordenação, para a coordenação geral do GMC que fica em Curitiba, esses pagamentos são chamados de *fundão*. Além dessa mensalidade, muitos dos eventos solicitam o pagamento de uma taxa que possibilita a participação dos capoeiristas nas atividades, (batizados, troca de corda, campeonatos) e, assim como acontece com as mensalidades parte do total arrecado em todos os eventos são para financiar o trabalho dos coordenadores.

Na Associação Cultural Movimentação Capoeira não é cobrada taxas de mensalidades nem para o aluno e nem para os coordenadores das *filiais*. Segundo Mestre Cebola, para que um capoeirista possa coordenar uma *filial* ele deve apenas seguir a filosofia e os *fundamentos* da ACMC, como será exposto no tópico 3.1 do capítulo 3. Essa não solicitação de mensalidades aos membros é oriunda da perspectiva de que as ações do referido grupo são tidas como projetos sociais e culturais que visam expandir e propagar a prática da capoeira, além de proporcionar cidadania aos indivíduos em situações de vulnerabilidade social. A única taxa cobrada na ACMC está associada a realização de eventos, em especial, os Jogos da Movimentação Capoeira, onde cada *filial* se responsabiliza por pagar o valor de duzentos reais, para auxiliar nas despesas geradas pela organização dos eventos.

Os alunos antigos pelos quais Mestre Cebola se refere, são tidos como *pilares* da ACMC, porque os trabalhos desenvolvidos por eles expandem a abrangência da *bandeira* numericamente; contextualmente, pois abrange a ACMC para contextos que não participava, como, por exemplo, a expansão da *bandeira* com a inauguração da uma última *filial* na cidade de Monsenhor Gil, que fica a 56 km ao Norte de Teresina e; do prestígio, pois sua expansão numérica e contextual coloca a ACMC entre os grandes grupos de capoeira da cidade, o que o possibilita acessar várias outras dimensões da sociedade teresinense, como acesso a políticas públicas, a mídia, a programas e incentivos públicos e privados.

Os coordenadores de *filiais* devem comparecer as atividades realizadas no Memorial Esperança Garcia (MEG) para treinar, porque *não existe capoeirista sem treino*. A ACMC idealiza a capoeira como uma manifestação cultural e marcial e prioriza em seus treinos (como observei nas vivências com Formando Zudu e o Mestre Cebola) a prática da musicalidade, da luta e dos ensinamentos dos *fundamentos* que são seguidos pela *bandeira*. Mesmo com essa perspectiva a capoeira como luta ainda é o foco dos treinamentos o que fica muito claro na realização das rodas após os treinos onde o contato físico ou a *marcação* é uma prioridade entre

os capoeiristas. Entretanto, é válido ressaltar, que esses jogos, diferente dos jogos de *pancadaria* tem uma maior “gestão da violência” (VIEIRA, 1998), sendo a finalidade última do contato entre os capoeiristas, não causar ferimentos nos adversários (o que ainda pode ser uma realidade).

Observa-se, no “Regulamento Interno” do GMC, que a proposta de trabalho do grupo tem por objetivo desenvolver a prática da capoeira como arte-luta, proporcionando aos alunos as várias nuances que existem dentro dessa prática, por exemplo, a música, a cultura, a arte e a luta, afirma também que “a principal proposta do Grupo Muzenza é a capoeira como luta” (MENEZES, s/a, p. 5). Nas muitas vezes que treinei e/ou conversei com Mestre Jabiraca esse objetivo foi repetido muitas vezes, principalmente para desconstruir a idéia de que um bom capoeirista é aquele que sabe jogar por meio da *mandinga*, da *malícia*, da *pancadaria*, da teatralidade e do *floreio*. Além dessa performance corporal o referido mestre reforça que um capoeirista pode ser bom em outras dimensões da capoeira, além da parte marcial, como ser um bom cantor, saber tocar os instrumentos, saber da história e da cosmologia da capoeira<sup>47</sup>.

Em uma aula voltada para a parte musical da capoeira, Mestre Jabiraca conduziu o aprendizado sobre os diferentes ritmos presentes na capoeira contemporânea (CC) a partir da diferenciação do toque, do que o ritmo significa e a forma de jogo que cada ritmo proporciona aos capoeiristas. Todavia, mesmo com esse treino (que era raro em comparação aos treinos físicos) e com essas constantes afirmações que delimitava a capoeira como uma manifestação plural, a luta ainda era o foco principal nos treinos realizados pelo referido mestre.

Em sua residência, que também é utilizada como sede do GMC e fica localizada no Bairro Buenos Aires (Zona Norte de Teresina), em alguns treinos os primeiros exercícios realizados eram levantamentos de peso, para fortalecer os músculos e proporcionar maior desempenho no jogo. Em seguida eram realizados treinos para aperfeiçoar as técnicas dos movimentos de maneira repetitiva e, também aperfeiçoar a potência do movimento por meio de treinos realizados com o auxílio de saco de pancada, raquetes e manoplas. Durante as rodas a luta ganha evidência em alguns dos jogos, mas ressalto que nesse contexto a violência sofre um policiamento mais rígido, assim como na APMC, onde os jogos objetivam ser apenas mais

---

<sup>47</sup> A luta, a música e a dança nunca estão separadas na capoeira, o que acontece é que as diferentes bandeiras focam em uma dessas dimensões, estas, por sua vez, atuam de maneira coemergente, porque o capoeirista só dança (ginga, floreios, acrobacias) se o berimbau der o ritmo, só luta se ouvir e dançar.

duros ou como emana da fala dos interlocutores das duas *bandeiras*, os jogos servem para o capoeirista se testar ou, se *auto-afirmar*.

De uma emergência conflituosa, violenta, e estereotipada como uma prática marginal pela sociedade teresinense, a capoeira passou por um processo de “legitimação social” que fez com que os capoeiristas e grupos agregassem elementos do contexto da cidade de Teresina e direcionassem a capoeira para uma crescente institucionalização. O que marca esse processo de legitimação é a adoção de alguns elementos que organizam administrativamente, politicamente, economicamente e socialmente os grupos. Um desses elementos que compõem a organização dos grupos é o *sistema de graduação* que organiza hierarquicamente os capoeiristas em graduações, em que são atribuídos direitos e deveres.

### 3. GESTÃO/INSTITUCIONALIZAÇÃO DE CONFLITOS E HIERARQUIA

O *sistema de graduação* é um *fundamento* que distribui hierarquicamente o poder de exercer determinada função, como dar aula, comandar uma roda, jogar determinado tipo de jogo e tomar decisões. Como foi exposto no capítulo anterior, a comunidade da capoeira se caracteriza pela sua heterogeneidade de vertentes o que reflete na multiplicidade de *sistemas de graduação*. Esse *fundamento* é um importante elemento na organização de um grupo, no entanto, as relações que se estabelecem entre os capoeiristas extrapolam os limites de sua normatização e influenciam na construção dos princípios organizacionais desses grupos.

Esse capítulo se organiza em três tópicos, tendo o primeiro a pretensão de demonstrar esquematicamente como são idealizados os *sistemas de graduação*; o segundo objetiva compreender como são constituídos os direitos e deveres de cada graduação nas relações entre os capoeiristas ao passo que o terceiro visa compreender a ação dos capoeiristas na organização e operacionalização dos campeonatos.

### 3.1 QUADRO GERAL DO SISTEMA DE GRADUAÇÃO

Não tentarei aqui analisar com profundidade os *sistemas de graduação* de todos os grupos que compõem a “comunidade da capoeira de Teresina”. Todavia o *sistema de graduação* é um *fundamento* que não é peculiar apenas ao Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) e a Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC). O objetivo é compreender de maneira sistemática como os grupos organizam o *sistema de graduação*, tendo em vista sua autonomia e/ou independência com relação a outros grupos.

Segundo Mestre Jabiraca (GMC):

Não existe padronização nas cores das cordas dos sistemas de graduação de diferentes grupos, isso acarreta alguns incômodos às vezes, porque enquanto um capoeirista tem um grau elevado dentro de um grupo ele pode ter um inferior em outro, e às vezes isso causa um desconforto quando um grupo visita outro, então a capoeira não é igual, por exemplo, ao judô ou ao karatê, que tem um sistema padrão, aonde você vai a qualquer academia e seu status não muda (Mestre Jabiraca. Entrevista concedida ao autor no dia 09 de fevereiro de 2019).

Ao término de uma roda realizada no final do treino no Centro de Convivência Rita de Cássia, Formando Zudu pediu para que todos sentassem (inclusive eu), para que ele pudesse dizer algumas palavras que teriam como tema os *fundamentos* que são seguidos pela Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC), em especial sobre o *sistema de graduação*. Em seu discurso Formando Zudu elencou todas as graduações que existem nesse *sistema de graduação*, assim como a simbologia por trás de cada cor, que ressaltado, são oriundas do *sistema de graduação* do ABADÁ-CAPOEIRA. O *sistema de graduação* da ACMC é composto por dois sistemas etários, um para menores de dez anos e outro para capoeiristas acima dessa idade. O *sistema de graduação infantil* contém apenas duas cordas, ou seja, a corda crua<sup>48</sup> com pontas

---

<sup>48</sup> Observei que quando o capoeirista está na corda crua ele ainda não é considerado um capoeirista e, para que essa pessoa possa se tornar um capoeirista ele deve ser batizado. O batizado é um ritual de iniciação, no qual o aluno joga com um graduado até que esse graduado consiga derrubar o aluno no chão. Essa queda é que marca a passagem do aluno para o *status* de capoeirista. Formando Zudu me falou que: *o corda crua não é um capoeirista ainda, mas apenas um praticante*, já Mestre Jabiraca afirmou que: *quem nunca levou uma rasteira não pode ser considerado um capoeirista*. Diante disso, entende-se que esse ritual demarca e legítima a entrada de uma pessoa no universo da capoeira.



amarela e a corda crua com as duas pontas amarelas, como nos afirma Formando Zudu nessa fala:

Na verdade, a corda ponta amarela e branca a gente dá pra criança, e a ponta amarela, só pinta a pontinha das cordas, de criança de três a dez anos de idade, aí vai depender do desenvolvimento da criança na capoeira, se ela tiver um desenvolvimento bem avançado a gente dá a corda de ponta amarela, mas se ela tiver muita dificuldade a gente dá a corda de ponta amarela e branca (Formando Zudu. Entrevista concedida ao autor no dia 22 de fevereiro de 2019).

Por outro lado, o *sistema de graduação* que comporta os capoeiristas maiores de dez anos é composto por um número mais elevado de graduações e conseqüentemente de mais combinações de cores e se organiza da seguinte maneira: 1 - amarela e crua; 2 - amarela; 3 - amarela e laranja; 4 - laranja; 5 - laranja e azul; 6 - azul (Graduado 1º grau); 7 - azul e verde; 8 - verde (Graduado 2º grau); 9 - verde e roxa; 10 - roxa (Instrutor); 11 - roxa e marrom; 12 - marrom (Professor); 13 - marrom e vermelha (Formando<sup>49</sup>); 14 - vermelha (Mestre).

Assim como na ACMC, o *sistema de graduação* do GMC se constitui por dois sistemas etários para maiores e menores de 15 anos, todavia, diferente do primeiro grupo, o GMC tem um *sistema de graduação infantil* mais extenso que se divide em dois subgrupos, ou seja, não graduados (até a corda crua e azul) e graduados (a partir da corda cinza e laranja): 1 - crua e cinza; 2 - crua e amarela; 3 - crua e laranja; 4 - crua e verde; 5 - crua e vermelha; 6 - crua e azul; 7 - cinza e laranja; 8 - cinza e verde; 9 - cinza e vermelho; 10 - cinza e azul; 11 - amarelo e verde; 12 - amarelo e vermelho; 13 - amarelo e azul; 14 - laranja e vermelho; 15 - laranja e azul; 16 - verde e azul.

Já o *sistema de graduação adulto* é organizado da seguinte maneira: 1 - cinza; 2 - cinza e amarelo; 3 - amarelo; 4 - amarelo e laranja; 5 - laranja; 6 - laranja-verde; 7 - verde; 8 - verde e vermelho; 9 - verde e azul; 10 - vermelho e azul (monitor); 11 - azul (instrutor); 12 - vermelho e roxo (professor 1º grau); 13 - vermelho e marrom (professor 2º grau); 14 - vermelho e preto (professor 3º grau); 15 - roxo (contramestre 1º grau); 16 - roxo e marrom (contramestre 2º grau);

<sup>49</sup> Mestre Cebola afirma que na ACMC foram mantidas a ordem de coloração, a graduação e a simbologia que representa cada corda como é organizado no ABADÁ-CAPOEIRA, no entanto, fez uma pequena modificação nominal na graduação de Contramestre, trocando esse termo para Formando. Segundo Mestre Cebola isso aconteceu por que o termo Contramestre pode denotar que o capoeirista nessa graduação está contra o Mestre, em conflito, querendo tomar seu lugar, e para ele, quando um capoeirista está nessa graduação ele está em processo de formação para ser mestre, o que deu origem a esse termo.

16 - marrom (contramestre 3º grau); 17 - vermelho (mestre 1º grau); 18 - preto (mestre 2º grau); 19 - vinho (mestre 3º grau); 20 - branco e vinho (mestre 4º grau); 21 - branco (mestre).

A corda azul (ACMC) e a corda laranja e verde (GMC) são cordas que representam um novo *status* para o capoeirista dentro das duas *bandeiras*, que é o *status* de graduado. Essa passagem, do qual o capoeirista vai de aluno para graduado (que é outra forma de organizar o *sistema de graduação* para além da questão etária) é marcante porque dentro das graduações que compõem o segmento de graduado, os capoeiristas passam a ter direitos e deveres organizacionais, didáticos e políticos dentro do grupo que são atribuídos gradualmente na troca de cordas entre as graduações de: graduado, monitor, instrutor, professor, contramestre (formando) e mestre. Essa questão será tema do próximo tópico, mas é importante citá-la no momento, porque os direitos e deveres atribuídos a cada graduação emergem da representação simbólica que cada cor possui na ACMC e no GMC.

Durante uma conversa informal com Mestre Cebola no Memorial Esperança Garcia (MEG), foi destacado que as cores das cordas estão simbolicamente organizadas na ACMC assim como no ABADÁ-CAPOEIRA:

**Quadro 1 – Significado das cores ACMC**

<b>CORES</b>	<b>SIMBOLOGIA</b>
Amarelo	Ouro que deve ser lapidado
Laranja	Despertar do sol
Azul	Caminho a percorrer a imensidão do mar
Azul e Verde	Pulmão
Verde	Mata intensa e perigosa
Roxa	Preciosidade da pedra ametista
Marrom	Camaleão
Vermelho	Sangue do negro

Fonte: Wanderson Silva

O Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) também atribui simbologias as cores de suas cordas. Durante conversa com o Graduado Batatinha (corda verde e azul – Monitor 1º grau), o mesmo me forneceu alguns arquivos audiovisuais que demonstram detalhadamente quais as

simbologias das colorações, que também estão disponíveis no *site*<sup>50</sup> que o GMC mantém na *Internet*, que demonstra que as cores das cordas estão organizadas da seguinte forma:

**Quadro 2 - Simbologia das cores GMC**

<b>CORES</b>	<b>SIMBOLOGIA</b>
Cinza	Vem das cinzas e para as cinzas retornará
Amarelo	Busca pelo conhecimento
Laranja	Futuro que está nascendo na capoeira
Verde	Limo das pedras ( <i>malícia, mandinga</i> )
Azul	Temperança e equilíbrio
Roxo	Entrada do caminho para ser mestre (energia positiva)
Marrom	Amadurecimento (madeira de lei)
Vermelho	Vida
Preto	Cultura negra
Vinho	Envelhecimento e qualidade
Branco	Pureza

**Fonte: Wanderson Silva**

O ordenamento das cores e a simbologia que são atribuídas a elas, podem sofrer algumas alterações na forma como é organizado o *sistema de graduação* nos dois grupos, todavia, analiticamente, ambos podem ser divididos em cinco subgrupos que delimitam cada graduação, no que diz respeito ao caminho percorrido e a percorrer dentro do grupo e da capoeira e, que de maneira geral esboçam os direitos e deveres dos capoeiristas:

1. Iniciação: nas duas *bandeiras* algumas cores se remetem a inexperiência de quem está começando a praticar a capoeira. Formando Zudu afirma que na corda crua e amarela, mas em especial na corda amarela, o capoeirista começa a conhecer como realmente é o universo da capoeira, por isso deve ser lapidado, merecendo uma atenção especial no ensino. Já no GMC,

<sup>50</sup> [www.muzenza.com.br](http://www.muzenza.com.br).

a corda amarela representa a busca do capoeirista pelo conhecimento do universo da capoeira, ou seja, assim como na ACMC, o capoeirista é iniciante e precisa ser inserido nesse universo.

2. Consolidação: esse grupo é formado pelos graduados que começam a descobrir com mais profundidade o universo da capoeira. A primeira cor da corda de graduado da ACMC é a azul que representa a imensidão do mar e simboliza principalmente um grande caminho que deve ser enfrentado pelo capoeirista dentro da ACMC. Já no GMC a primeira corda de graduado é a verde e as informações coletadas demonstram que o capoeirista nessa graduação começa a ficar *liso*, pois adquire aquilo que foi chamado no tópico 1.1 do capítulo 1 de *mandinga, malícia*.

3. Coordenadores, administradores e transmissores de conhecimento: quando o graduado da ACMC consegue atingir a corda de cor roxa ele é tratado como uma preciosidade, isso porque é a partir dessa graduação que ele vai poder passar seus conhecimentos, abrir uma *filial* do grupo e formar novos capoeiristas. Já para o GMC a cor que representa essa graduação é a azul, isto é, a partir do momento em que o capoeirista atinge a corda verde e azul ele também pode abrir uma *filial* do GMC e repassar seus conhecimentos para outros capoeiristas.

4. Desenvolvimento para ser mestre: Nessa graduação o capoeirista já tem um trabalho consolidado e faz de tudo para a sobrevivência e expansão da capoeira. A corda que representa essa graduação na ACMC é a marrom, que junto com a corda vermelha dá a graduação de formando ao capoeirista. Já no GMC é a corda roxa que possibilita esse caminho pra a obtenção do título de mestre, pois o capoeirista nesse momento está hierarquicamente ordenado na graduação de contramestre.

5. Resistência negra e da capoeira: na ACMC a corda vermelha que é a corda de mestre representa a luta que os negros travaram para que sua cultura, incluindo a capoeira, pudesse está sendo praticada nos dias de hoje. Essa cor representa também o sangue que foi derramado, sangue que também é a vida que corre nos corpos dos capoeiristas. No GMC são duas cordas que simbolizam a vida e a raça negra, são elas, as cordas vermelha e preta, cordas que representam a graduação de mestre 1º grau e mestre 2º grau respectivamente.

Esse último item é relevante quando contrapomos a forma de organizar o *sistema de graduação* da ACMC e do GMC a outras formas de organização do *sistema de graduação* que também é encontrada nas *bandeiras* que compõem a “comunidade da capoeira de Teresina”, como o *sistema de graduação* da Associação Cultural de Capoeira Escravos Brancos (ACCEB). Segundo Professor Sílio (ACCEB):

As graduações que seguimos são as das cores da bandeira brasileira. Os grupos que você pesquisou utilizam as cores dos orixás africanos. Basicamente são verde,

amarelo, azul e branco. Essas cores vão se entrelaçando de acordo com o nível de graduação. Essas cores aí foram usadas em uma época onde se defendia a capoeira como sendo brasileira enquanto outros segmentos afirmavam que ela veio da África. Um embate pra definir se a capoeira é do Brasil ou da África (Professor Sílio. Entrevista concedida ao autor no dia 21 de junho de 2020).

Não tenho com precisão a distribuição das cores das cordas e qual graduação elas representam no Grupo Escravos Brancos, mas segundo o referido Professor Sílio, o *sistema de graduação* da ACCEB se organiza em subgrupos, que vão desde a faixa etária, sistema de graduação infantil e sistema de graduação adulto e, o segundo sistema se organiza da seguinte maneira: aluno, aluno formado, 3 níveis de graduado, monitor, instrutor, professor, contramestre e mestre. Além dessas graduações ainda existe a graduação de estagiário (assim como foi verificado no GMC – corda preto e branco, página 54, tópico 2.3, capítulo 2). Professor Sílio entende que:

Vários grupos de capoeira adotam essa corda de estagiário. No nosso grupo a gente também adota ela, é o seguinte, só usa essa corda, por exemplo, se uma pessoa que entrar no grupo já tiver uma corda alta, tipo de graduado para cima, ele veio de outro grupo e lá ele era graduado, ele usa a corda de estagiário, ele passa um ano nela e depois o mestre faz uma avaliação, se ele se adaptou ao grupo, aí o mestre faz uma avaliação para ver em qual graduação ele vai ficar. Se a pessoa veio de outro grupo como aluno, ela fica como aluno (Professor Sílio. Entrevista concedida ao autor no dia 21 de junho de 2020).

A maneira como cada *bandeira* organiza as cores, as simbologias, as graduações, em suma, o *sistema de graduação*, demonstram autonomia e/ou independência com relação às outras *bandeiras* que compõem a “comunidade da capoeira de Teresina” mesmo que em algum momento tenham acontecido *parcerias* de várias dimensões entre as *bandeiras*, os “coletivos de capoeira” e/ou capoeiristas. A corda de estagiário se refere ao processo de *filiação* de um capoeirista a outra *bandeira*, e junto com a abertura de *filiais* que só podem ser feitas pelos capoeiristas que se encontram no item 3, caracterizam o *sistema de graduação*, por pelo menos duas dimensões, “mecanismo de organização” e linhagem.

Como “mecanismo de organização” o *sistema de graduação* acomoda, primordialmente, os capoeiristas em cada posição hierárquica a partir de suas graduações. Como foi exposto pelo Professor Sílio, um capoeirista graduado que se segmenta de outra *bandeira* para se *filiar* a ACCEB deve passar pela corda de estagiário e só após uma avaliação e aprovação feita por Mestre Albino é que esse capoeirista pode exercer os direitos e deveres que sua graduação lhe confere. Por exemplo, ao adentrar como contramestre na ACCEB o

capoeirista terá os mesmos direitos e deveres que um contramestre que foi formado dentro da *bandeira*, o que relativamente vai de contraponto a questão temporal e genealógica, que oferece aos mais antigos, mais poder e prestígio.

Quando esse mesmo capoeirista forma alunos que começam a abrir novas *filiais* o *sistema de graduação* também se caracteriza a partir da dimensão da linhagem. Esta, por sua vez, pode ser problematizada, uma vez que esse contramestre não descende genealógicamente de Mestre Albino ou de seus alunos formados, contudo, também constitui uma linhagem que é parte da ACCEB.

O *sistema de graduação* não se caracteriza como um *fundamento* estático e determinista, pois como se pode observar ele é delimitado de diferentes maneiras em suas diversas dimensões. Essa análise mais ampla do *sistema de graduação* me permite no próximo tópico verificar quais são os direitos e deveres de cada graduação e como essas dimensões são construídas e reconstruídas nas relações conflituosas entre os capoeiristas, os “coletivos de capoeira” e os grupos.

### 3.2 DEVERES E DIREITOS DE CADA GRADUAÇÃO

O GMC e a APMC exigem de seus integrantes alguns requisitos para que os mesmos possam trocar de cordas, porque na ascensão gradativa do capoeirista dentro da hierarquia organizada pelo *sistema de graduação*, são atribuídos direitos e deveres específicos que lhes dão o poder de exercer determinadas funções, que como foi abordado na introdução desse capítulo, envolvem a tomada de decisões, a condução de treinos, a coordenação da roda, e a autorização para abrir *filiais*. O objetivo desse tópico é demonstrar que os direitos e deveres influenciam nas ações dos capoeiristas, mas que não conseguem abarcar todas as relações, além disso, ao mesmo tempo em que influenciam, são extrapolados e revistos.

Em uma *roda na rua* do GMC, que aconteceu no Parque Ambiental Encontro dos Rios (Zona Norte de Teresina) e na primeira atividade do V Jogos da Movimentação Capoeira (que será descrito no próximo tópico) comecei a perceber que o *sistema de graduação* atua na orientação da ação do capoeirista em muitas dimensões, por exemplo, no ato de cumprimentar. O GMC tem uma forma específica de cumprimento no aperto de mão (o que é “marcador identitário” relevante na *auto-identificação* entre os membros e na diferenciação com capoeiristas de outras *bandeiras*), esse cumprimento é organizado de maneira hierárquica, assim, como acontece na APMC (que não tem uma forma específica de aperto de mão).

Todos os capoeiristas que chegavam aos dois eventos mencionados anteriormente se dirigiam de imediato para cumprimentar os capoeiristas de maior graduação, começando pelos Mestres, Jabiraca e Cebola, respectivamente e após isso cumprimentavam os outros capoeiristas de maneira decrescente segundo a graduação, no caso do GMC, os Contramestres Besouro e Ferrugem e da ACMC o Formando Zudu e os Professores Mortal, Víbora. Todavia, essa forma hierárquica de cumprimentar os capoeiristas de acordo com a graduação não era uma norma, uma regra burocrática, passível de punição, mas sim, uma conduta moral e de respeito, mas que muitas vezes não era seguida, pois durante a chegada dos capoeiristas existiram cumprimentos aleatórios, baseados nas mais diversas questões, desde a intimidade, ou o pertencimento a uma determinada *filial*, e até mesmo a ordem de chegada.

É importante ressaltar que assim como existe o cumprimento afetivo ou formal entre os capoeiristas, existe a negação ao cumprimento, que é causada muitas vezes pela invisibilização daqueles que possuem menor graduação com relação aos de maior graduação e pelos conflitos entre os capoeiristas. Por exemplo, um contramestre do GMC ao chegar no treino, realizado no Ginásio Pato Preto, falou apenas com os capoeiristas que tinham as graduações dentro do segmento de graduado, deixando de cumprimentar, a maior parte dos capoeiristas que estavam no local, que tinham graduações inferiores.

Isso acontece também, a partir dos conflitos existentes entre os capoeiristas do mesmo grupo, conflitos que emergem de várias dimensões, como da rivalidade nos jogos, que se desencadeiam em *pancadarias*, das posições contrárias nas tomadas de decisão ou pelo favorecimento de alguns capoeiristas pelas relações de amizade.

O *sistema de graduação* perpassa as relações informais e morais, porém, ele atua principalmente como um “mecanismo de organização” das relações formais que orientam a atuação do capoeirista em várias dimensões da organização sociopolítica dos grupos, sendo, muitas vezes materializados por meio de regimentos e estatutos que são disponibilizados para os capoeiristas de maneira oral, impressa ou digital.

Tanto Mestre Jabiraca quanto Mestre Cebola, reconhecem a importância dos treinos para o crescimento do capoeirista. Mestre Cebola diz: *“Uma coisa que eu preso muito é o treinamento, ainda hoje eu treino, meus alunos sabem disso e quem vai ao Memorial treina junto com o mestre, não é o mestre que ensina dando aula, o mestre ensina treinando”*.

O planejamento é um aspecto primordial para a realização dos treinos de capoeira, por exemplo, no GMC e na ACMC percebi que existem dois tipos de treinos, isto é, treinos para os jogos sem contato e treinos para os jogos com contato. A possibilidade dos movimentos realizados pelos capoeiristas vem dos treinamentos que são executados nas *filiais*, no qual os exercícios são organizados e realizados em três momentos: 1 - o primeiro momento vem logo depois dos exercícios de alongamento e aquecimento. A maioria das vezes os movimentos de capoeira realizados tem a intenção de melhorar a performance individual do capoeirista e são caracterizados, ou pela execução de um único movimento repetidamente, ou pela operacionalização de vários movimentos consecutivos, chamados de *sequência*; 2 - no segundo momento as *sequências* de movimentos apreendidos de maneira individual são executados em dupla, mas ainda sem contato; 3 - já no terceiro momento os capoeiristas executam movimentos de ataque, defesa e contra-ataque, mesclando os movimentos já treinados nos dois primeiros momentos com outros específicos desse último, que inclui agarramento, derrubada e imobilização.

Esses exercícios também levam em consideração a graduação do capoeirista, e geralmente faz com que os capoeiristas não graduados treinem apenas os dois primeiros momentos, enquanto, os graduados treinam todos os momentos. Deve-se ressaltar, porém, que esses momentos não são tão delimitados, e que em determinadas situações alguns capoeiristas de graduações mais baixas, que possuem experiência e técnica dentro do universo da capoeira, participam dos treinos específicos voltados para os capoeiristas de graduação mais elevada, já em outras situações todos realizam os exercícios dos três momentos.

Durante os treinos os capoeiristas de maior graduação atuam como auxiliares do coordenador da atividade. Por exemplo, em um treino com Mestre Jabiraca, enquanto ele auxiliava dois capoeiristas cordas crua que treinavam separadamente do coletivo, porque ainda precisavam de um aprimoramento técnico, quem conduziu o treino a partir das indicações feitas pelo referido mestre foi o Professor Gato Branco, enquanto outros graduados auxiliavam alguns capoeiristas a pegarem as *sequências* que deveriam ser realizadas. Por outro lado, em um dos treinos da ACMC no qual Formando Zudu ainda não havia chegado, dois graduados tiveram a função de substituí-lo na condução da movimentação. É possível dizer que tal situação provocou um conflito, uma vez que os dois graduados deliberavam entre si e os argumentos invocados para definir quem deveria puxar o treino girava em torno do tempo de corda que cada um tinha como graduado. Isso ocorre porque, de acordo com o *sistema de graduação* o capoeirista que está há mais tempo na corda, por exemplo, na corda azul, que é a primeira corda



de graduado da ACMC, está acima na hierarquia com relação a seu companheiro que possui a mesma graduação e seguindo essa lógica o graduado há mais tempo deveria começar o treino.

Os exercícios incorporados nos treinos são realizados nas rodas. A formação inicial da bateria geralmente tem a participação de capoeiristas graduados e essa composição é determinada por no mínimo dois fatores: 1 - pela característica da graduação, isto é, pela função de coordenadores, administradores e transmissores do conhecimento que esses capoeiristas têm que demonstrar e exercer, como fica claro no tópico anterior, no item 3 das simbologias; 2 - pelo domínio que esses capoeiristas têm que ter da musicalidade da capoeira, com relação tanto a parte instrumental quanto ao canto.

A bateria também possui um ordenamento específico. Um instrumento começa a ser tocado após o outro segundo uma lógica fixa: primeiro o gunga ou berra boi, depois o berimbau médio, seguido do viola, dos pandeiros e do atabaque. Em seguida entram as palmas (em alguns ritmos) e, por fim, o canto. Esse ordenamento corresponde a uma hierarquia entre os instrumentos (que é acentuada entre o berra boi e os demais instrumentos) e reflete a organização hierárquica do *sistema de graduação*. O gunga configura-se nesse contexto como o instrumento mestre dentro da bateria e é tocado sempre pelo capoeirista que possui maior graduação, quem irá coordenar a roda.

Formando Zudu afirmou que esse berimbau é um símbolo que pode representar o poder<sup>51</sup> de organização e comando do capoeirista que o detém, mas, o gunga também pode não representar isso, porque em determinadas situações esse instrumento é delegado momentaneamente para outros capoeiristas, no entanto, o comando da roda ainda pertence ao capoeirista de maior graduação, mesmo que ele esteja exercendo outra função, como jogando. Por exemplo, Mestre Jabiraca pode pedir para um contramestre tocar esse berimbau, mas mesmo ele jogando, a coordenação da roda ainda está com Mestre Jabiraca. É relevante falar isso, porque o gunga aparece como um “símbolo dominante” de caráter organizador, todavia, ele está submisso ao *sistema de graduação* que é quem determina a graduação de coordenador de uma roda.

---

<sup>51</sup> O poder está presente na hierarquia do *sistema de graduação*, porém, é importante ressaltar que não é apenas ele que organiza e ordena as relações entre os capoeiristas. Entendo assim como Foucault, que o poder não é algo físico, dado, inato a uma pessoa ou instituição, tampouco pode ser associado apenas as questões de ordem e comando, é antes de tudo acionado por diferentes mecanismos e de maneiras distintas em múltiplas situações.

Por outro lado, não é pelo simples fato de um capoeirista estar tocando o gunga que ele tem a maior graduação da roda, ou é o coordenador, mas, como afirma Formando Zudu, os capoeiristas têm que obedecer e respeitar as ordens do coordenador da roda. Mestre Jabiraca demonstra algo parecido, quando disse no final de um treino, que um capoeirista não pode solicitar o instrumento de outro capoeirista que possui graduação maior que a sua, por exemplo, não é permitido que um contramestre (formando) solicite o instrumento ou canto de um mestre que esteja tocando ou cantando, pois, segundo ele, essa atitude é considerada uma falta de respeito para com a graduação de mestre. Assim, o capoeirista só receberá o berimbau, outro instrumento ou o canto “das mãos” de um mestre se o próprio mestre solicitar, diz-se ainda que se o capoeirista (monitor, instrutor, professor, contramestre) que for receber o instrumento ou que for solicitado para cantar não souber executar essas funções faz o grupo passar vergonha.

Uma roda do GMC foi iniciada com dois graduados jogando o ritmo de São Bento Grande de Angola, mas após esse jogo vários capoeiristas de diferentes níveis foram comprando o jogo<sup>52</sup>. Quando começou o segundo momento, sob o ritmo de São Bento Pequeno de Angola, alguns capoeiristas graduados que estavam na bateria solicitaram que outros tomassem seus lugares, assim a bateria também foi composta por capoeiristas de níveis mais baixos o que demonstra que essa prerrogativa de apenas graduados tocarem ou cantarem é mais uma orientação do que uma norma. Quando a roda reiniciou com o São Bento Pequeno de Angola os jogos foram realizados apenas por graduados, inclusive pelos contramestres que estavam anteriormente na bateria. Nesse momento os jogos não eram comprados por nenhum capoeirista e, só finalizaram pela desistência de um dos capoeiristas. Em seguida o ritmo mudou para São Bento Grande de Regional seguindo até o final da roda e todos os capoeiristas puderam jogar novamente.

Uma roda após um treino na *filial* de Formando Zudu foi iniciada pelo toque de *Benguela* e dois graduados de corda azul começaram a jogar. O motivo de minha atenção se aguçar partiu de uma contradição entre o que eu via e o que Formando Zudu havia me informado em outro momento, segundo ele: *na Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC) só quem joga Benguela é de instrutor pra cima*. No entanto, segundo o interlocutor os graduados estavam jogando *Benguela* por que: *se os alunos não aprenderem a jogar Benguela desde cedo eles não vão saber jogar quando forem instrutores*. Em um momento posterior a

---

<sup>52</sup> As *graduações* dos capoeiristas que estão jogando, delimita a *compra de jogo*, por exemplo, quando dois contramestres estão jogando, um capoeirista corda crua não pode comprar jogo, apenas os capoeiristas com a graduação acima, igual ou próxima a essas *graduações* podem comprar o jogo.

essa situação Formando Zudu afirma que ele treina seus alunos para jogarem esse ritmo, assim como o executa nas rodas de capoeira de sua *filial*, entretanto, eles não podem jogar esse ritmo quando estão em visitas a outras *filiais* do grupo, ou quando estão em eventos oficiais da ACMC, porque esse jogo fica restrito as graduações acima de *instrutor*.

Nas duas *bandeiras*, quando o capoeirista ainda é aluno, ou seja, não graduado, o que se exige dele é que se dedique e participe com frequência das atividades e que tente apreender todos os *fundamentos* que dão sentido à prática da capoeira: compreender o *sistema de graduação*, a corporalidade, a musicalidade a história da capoeira, etc. Mas as exigências vão ficando mais rígidas quando os capoeiristas se tornam graduados e quando tentam trocar de corda e ascender dentro da hierarquia, porque os graduados são:

[...] um grupo selecionado de alunos, normalmente formado pelos mais velhos, que abraçam os compromissos de atuação do grupo e junto dos mais novos fazem o trabalho de transmissão dos saberes e do ethos coletivo. A ascensão a esse grupo seletivo é posta muitas vezes, a um nível simbólico, como meta para os mais novos. Subir a este patamar significa poder dar aulas, envolver-se em alguns processos de decisões do grupo e circunstancialmente comandar situações do jogo e da roda. Num certo nível mais aprofundado, fazer parte deste corpo especial significa ascender a certos aspectos íntimos do grupo (NASCIMENTO, 2010, P. 78).

Na Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC) os requisitos solicitados para se tornar um graduado são: possuir bom comportamento em casa, na escola e na comunidade; ser um capoeirista participativo; saber no mínimo o toque de *Benguela* e *São Bento Grande de Angola*. No Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) para atingir a graduação de graduado o capoeirista deve obedecer a requisitos similares a esses estabelecidos na ACMC, isto é, ser participativo e ter domínio de toque e canto. Nessa graduação, como foi falado anteriormente, os capoeiristas fazem uma espécie de estágio para se tornarem coordenadores de *filiais*, agindo como intermediários entre o coordenador da *filial* e o resto dos alunos, eles são sempre os primeiros a fazerem os exercícios solicitados pelo professor para que sirva de exemplo para os demais, são os que compõem a bateria ou jogam os primeiros jogos da roda, tem o aval para substituírem o coordenador e coordenar os treinos e rodas e, isso acontece, como está exposto no item 2 do tópico anterior (página, 67), porque os graduados começam a se consolidar e adentrar com mais profundidade no sistema simbólico e organizacional da capoeira, pois já dominam alguns *fundamentos* que lhes possibilitam transitar nesse seletivo grupo.

Para que o capoeirista faça a passagem do estágio de graduado para as próximas graduações, por exemplo, monitor, instrutor, professor, contramestre (formando) e mestre ele deve, nas duas *bandeiras* (GMC e APMC), participar de um curso de formação. Formando Zudu relata que para que se possa adquirir a graduação de monitor a Associação Cultural Movimentação Capoeira (APMC) solicita que os capoeiristas tenham curso de Educação Física: *mas na maioria das vezes abrimos exceções, pois temos muitos professores com vivências de vida e entendimento amplo sobre a capoeira* (Formando Zudu). Entretanto, apenas a vivência e o conhecimento não é o suficiente para que o capoeirista adquira tal graduação. Segundo Formando Zudu:

Temos cursos técnicos de capoeira, que é necessário para o preparo e planejamento de aulas, toques de instrumentos, entre outros assuntos relacionados à capoeira no modo geral. Isso tudo para que nossos professores tenham noção boa de conhecimento capoeirístico e sucesso ao ministrar suas aulas (Formando Zudu. Entrevista concedida ao autor no dia 22 de fevereiro de 2019).

No Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) os cursos de formação são planejados pela direção geral e são realizados em cidades diferentes a cada ano. No ano de 2019 o curso foi realizado no mês de março em Belém-PA, para participar desse curso os capoeiristas tiveram que pagar uma taxa de inscrição, cujo preço variou em três momentos, indo do valor de R\$ 130,00 reais até R\$210,00 reais. Esse valor dá ao capoeirista a oportunidade de participar de algumas atividades realizadas pelo curso, que são: 1 - auto avaliação do profissional do GMC; 2 - a Escola Muzenza: filosofia de trabalho e metodologia de ensino; 3 - a bateria do GMC; 4 - treinamento básico, intermediário e avançado. Caso o capoeirista participe de todas as atividades ele recebe um certificado com carga horária de doze horas que valida sua troca de corda. Esse curso de formação é aberto a todos os capoeiristas do GMC, no entanto, é obrigatório para essas graduações já mencionadas.

Capoeiristas que irão adquirir a graduação de monitor para cima no GMC, também devem preencher alguns requisitos, como o tempo de prática na capoeira dentro da *bandeira*. O Regimento Interno do Grupo Muzenza de Capoeira determina o tempo necessário de prática para cada graduação: monitor (dez anos); instrutor (doze anos); professor (quinze anos) – serão trocados os graus de dois em dois anos; contramestre (vinte anos) – serão trocados os graus de dois em dois anos; mestre (vinte e cinco anos) – serão trocados os graus de cinco em cinco

anos; mestre 4º grau (trinta e cinco anos); e mestre corda branca (quarenta anos). O Regimento interno ainda ressalta que:

Nenhum **Mestre, Contramestre, Professor, Instrutor** ou **Monitor**, poderá estar trocando a graduação de corda verde-azul (**Graduado**) em diante, sem passar pelo Curso de Formação GMC. A partir da graduação **verde-azul (Graduado)**, as cordas serão entregues nos eventos internacionais realizados pelo Grupo e coordenados pelo **Presidente** (grifos do autor) (MENEZES, s/a, p. 15).

Tanto na ACMC quanto no GMC os capoeiristas nessas graduações devem ter o domínio dos *fundamentos* da capoeira, aqui eles passam a ser transmissores do conhecimento e referências para os outros capoeiristas podendo abrir novas *filiais*. Observei que na ACMC todos os capoeiristas com essas graduações eram coordenadores de uma ou mais *filial* e eram reconhecidos como pilares da *bandeira*, já no GMC muitos capoeiristas dessas graduações não são obrigados a abrirem novas *filiais* e muitos deles não faziam isso.

Segundo Mestre Jabiraca, os que optarem por essa escolha (de não abrir uma *filial*) tem dificuldades posteriores para trocar de graduação, inclusive ele afirmou, que se pudesse voltaria a graduação de alguns capoeiristas do GMC, por não estarem realizando as funções que lhe foram atribuídas após adquirirem essas graduações.

A graduação de mestre tem algumas especificidades que extrapolam o sistema de graduação de uma bandeira. Analisando as vivências de Mestre Jabiraca e Mestre Cebola até suas graduações atuais, observam-se duas formas de se tornar e ser legitimado enquanto mestre, “legitimação interna” e “legitimação comunitária”. Mestre Jabiraca se tornou mestre a partir de um processo de “legitimação interna” que aconteceu por meio do preenchimento dos requisitos solicitados pelo GMC: 1 - Ter mais de quarenta anos de idade; 2 - Ter mais de vinte e cinco anos como praticante de capoeira; 3 - Ter realizado projetos sociais durante todo esse tempo. Depois de ter realizado os três critérios, Mestre Jabiraca foi legitimado pela comunidade de mestres do GMC, recebendo assim, o título de mestre 1º grau.

Ao sair do ABADÁ-CAPOERA Mestre Cebola ainda não era mestre e para receber essa graduação passou por um processo de “legitimação comunitária” a partir da realização de uma formatura com três mestres e três contramestres de capoeira: Mestre Ulisses do Ceará; Mestre Paulo Capoeira de Teresina; Mestre Pepeca de Teresina; Contramestre Sabuguinho; Contramestre Navalha; e Contramestre Popó, que lhe concederam essa graduação.

Observa-se que o *sistema de graduação* orienta as ações dos indivíduos, mas por se tratar de um *fundamento* que é construído a partir dos contratos entre os capoeiristas ele é modificado e extrapolado de diferentes maneiras em cada situação vivenciada pelas *bandeiras*. Essa questão fica mais nítida quando se analisa como os capoeiristas de distintas graduações agem na construção e na operacionalização de alguns eventos, como os batizados, as trocas de cordas e os campeonatos.

### 3.3 OS CAMPEONATOS: AS DISTINTAS GRADUAÇÕES NAS COMPETIÇÕES

Nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2019, foi realizado o 5º Campeonato Norte Nordeste Aberto de Capoeira Muzenza, organizado por Mestre Jabiraca e Contramestre Ferrugem, com a supervisão geral de Mestre Burguês. Por conta do campeonato, os meses de agosto e setembro tiveram treinos mais intensos na *filial* coordenada por Mestre Jabiraca. Fui convidado por ele para competir e para auxiliar na produção das súmulas e dos documentos necessários para a realização do evento, que além de contar em sua programação com o campeonato aberto, também era agraciado com batizados e troca de cordas.

O auxílio que Mestre Jabiraca precisava para organização das atividades do evento somado a relação afetiva que construímos e a minha posição enquanto pesquisador, capoeirista e por ser considerado pelo supracitado mestre e também pelos capoeiristas do GMC como membro do grupo, fizeram com que eu realizasse ações que geralmente capoeiristas de minha graduação não executam.

Para auxiliar na organização do evento me encontrei com Mestre Jabiraca em sua residência (sede do grupo) em uma quarta-feira à noite, dia que não tem treino, para que pudesse me familiarizar com a forma que o GMC organiza essa atividade. No dia em questão Mestre Jabiraca me mostrou o regulamento da competição, elaborado pela organização geral do grupo, e que contém as diretrizes para a realização do campeonato (as regras, as divisões de categorias, as formas de avaliações, de vestimenta, etc).

As regras da competição delimitavam principalmente como o capoeirista deveria se portar dentro das atividades do evento. Para participar deste o capoeirista deveria pagar uma taxa que variava de três maneiras: 1- para se inscrever apenas na competição foi cobrado o valor de 50 reais; 2 – para participar da competição e do batizado e/ou troca de cordas com o limite de pagamento até o mês de agosto de 2019 cobrou-se 250 reais; e para participar da competição

e do batizado e/ou troca de cordas, mas com o pagamento realizado entre os meses de setembro e a data de início da competição foi cobrado o valor de 350 reais.

O pagamento de qualquer dessas taxas dava o direito de o capoeirista receber a camisa do evento com uma numeração específica, e durante todo o período de realização das atividades, os capoeiristas deveriam estar vestidos com essa camisa. O capoeirista poderia participar na competição de duas categorias, referente a sua graduação e a da categoria absoluta que englobava capoeirista de qualquer graduação, sem distinção. A competição era realizada por rodadas de eliminação (dois jogos de São Bento Pequeno de Angola e de Regional com o tempo de 40 segundos), onde os capoeiristas eram avaliados por meio de três jurados<sup>53</sup>, menos na última rodada, que tinha apenas caráter classificatório. A regra mais enfatizada era a gestão da violência, o capoeirista não poderia atingir com a intenção de machucar o outro competidor, pois poderia ser penalizado com a eliminação compulsória.

As categorias foram divididas de acordo com a idade e o *sistema de graduação*, sendo ordenadas da seguinte maneira: infantil (masculino e feminino, de 9 a 12 anos); infanto-juvenil (masculino e feminino, de 13 a 15 anos); e adulto que se subdivide em 7 categorias: iniciante (corda cinza até amarela); aluno intermediário masculino e feminino (amarelo-laranja até verde-laranja); aluno avançado masculino e feminino (verde até graduado); formado (a) (monitor, instrutor, professor, contramestre e mestre) e categoria absoluta adulta (todas as graduações).

Dois dias após a reunião com Mestre Jabiraca montei as súmulas para catalogar as notas redigidas pelos jurados e minha atividade passou a ser nos dias seguintes distribuir os capoeiristas inscritos em suas respectivas categorias. Foi nesse momento que percebi que as categorias eram mais flexíveis do que os limites impostos pelo regulamento, que definia essas categorias a partir da idade, mas principalmente, a partir do *sistema de graduação*.

Alguns capoeiristas recebiam uma atenção especial para serem inseridos em alguma categoria, por exemplo, o graduado infantil Guerreiro (corda cinza e vermelho), e eu, Fofão (corda crua). No final de um treino realizado especificamente para o campeonato no Ginásio Pato Preto, Mestre Jabiraca iniciou uma conversa para explicar para todos como seria realizada a competição e em que categoria cada capoeirista iria competir. Depois de eu ter feito a leitura do regulamento para todos os presentes, Mestre Jabiraca começou a distribuir os capoeiristas em suas respectivas categorias.

---

<sup>53</sup> Cada jurado avaliava um aspecto do jogo desenvolvido pelos capoeiristas: 1º jurado avaliava objetividade e técnica; 2º jurado avaliava volume de jogo e harmonia e; o 3º jurado avaliava fundamentos e tradições.

Houve um impasse quando chegou minha vez e a do graduado Guerreiro de ser posicionado em uma dessas categorias por dois motivos: 1 - pelo regulamento eu, que sou corda crua, deveria competir na categoria de iniciante adulto masculino, no entanto Mestre Jabiraca problematizou, dizendo que pelo meu histórico como capoeirista, eu tinha mais técnica do que muitos do que estão iniciando, ficando decidido no final, que eu iria competir na categoria de intermediário masculino; 2 - no caso do Graduado Guerreiro, o regulamento dizia que ele deveria competir na categoria infanto-juvenil, no entanto, graduado Guerreiro, que na época tinha 15 anos de idade, tem um porte avantajado com relação aos competidores dessa categoria e o que é mais relevante, o referido interlocutor tem uma técnica muito apurada, o que daria vantagem a ele sobre os outros competidores. Nesse caso, ele foi realocado para competir na categoria de intermediário adulto masculino.

Essa decisão de alocar um capoeirista na categoria x ou y é fruto do acompanhamento e da avaliação feita por Mestre Jabiraca para com seus alunos nas relações que estabelecem cotidianamente. No período de treino que teve como foco a preparação dos capoeiristas para o campeonato, percebi que a forma de avaliação do capoeirista é diferente da realizada para a troca de cordas. Como foi exposto anteriormente, para o capoeirista trocar de corda ele deve preencher uma série de requisitos, como habilidade de jogo, canto, toque, conhecimento, organização, etc. No entanto, a avaliação feita para o campeonato foca com muita ênfase na performance corporal, no domínio de jogo, na *mandinga*, nas entradas e saídas, perguntas e repostas, floreios, acrobacias.

Freqüentemente nos treinos surgiam comentários sobre o condicionamento físico e capoeirístico dos competidores de outras *filiais* do GMC e de outras *bandeiras* que já estavam confirmadas para participar da competição. Esses comentários giravam entorno das qualidades e defeitos de capoeiristas e ou *filiais* que estavam em intensa preparação. Essa situação criou uma relação afetiva e cooperativa muito forte entre os capoeiristas da *filial* de Mestre Jabiraca, que agiam em prol do desenvolvimento de todos. Isso criou uma espécie de rivalidade entre as *filiais* que se reconheciam como oponentes.

O primeiro dia do evento, realizado no dia 27 de setembro de 2019, no auditório do Memorial Esperança Garcia (MEG), foi destinado ao que Mestre Jabiraca chamou de congresso técnico. Todos os alunos da academia de Mestre Jabiraca foram orientados a chegar um pouco mais cedo que o início da atividade, prevista para as 18h, para organizar os preparativos. Fiquei incumbido de realizar a inscrição dos capoeiristas, tarefa essa que consistia em anotar o nome completo, apelido, grupo de origem, número de competição grafado na camisa do evento e graduação, para que pudesse alocar, de maneira provisória, o competidor em cada categoria.



O campeonato é um evento aberto para a participação de competidores de outras *bandeiras*, o que no ato da inscrição me fez ter certa dificuldade em distribuir os inscritos, tomando como base suas graduações, em suas categorias. Fui auxiliado em primeiro momento pelos coordenadores das *bandeiras* que participavam do evento, como Contramestre Viúva Negra da Associação Cultural de Capoeira Ginga Piauí (ACCGP), Professor Bob da Associação Cultural de Capoeira Escravos Brancos (ACCEB), Instrutor Escama do Grupo Recriart Capoeira e Professor Denys do Grupo IÊ Capoeira (GIÊC), que pela nomenclatura das categorias e idade dos seus alunos me ajudaram a inscrever seus alunos. Já em casa, mandei a ficha de inscrição para Mestre Jabiraca que revisou e orientou as realocações de capoeiristas entre as categorias.

No Grupo Muzenza de Capoeira (GMC) essas regras, diretrizes e parâmetros atuam como “mecanismos de organização” que são construídos pela diretoria geral, e tem como objetivo regular, orientar e organizar a ação individual e coletiva dos membros da *bandeira* e dos convidados durante a competição. No entanto, esses “mecanismos de organização”, são relativizados a partir das demandas específicas que surgem nas diferentes “situações sociais” como aconteceu na organização das categorias.

Assim como fui convidado por Mestre Jabiraca para auxiliar na organização do evento, também fui convidado por Formando Zudu e por Mestre Cebola, para contribuir na organização do V Jogos da Movimentação Capoeira (XXII Batizado e Troca de Cordas), que foi realizado nos dias 13, 14 e 15 de setembro de 2019, em vários locais da cidade de Teresina, como o Parque Lagoas do Norte, o auditório da Secretaria de Cultura do Estado do Piauí e o Teatro IV de Setembro, onde fiquei encarregado de elaborar documentos de dois gêneros: 1 – documentos oficiais (projeto de evento cultural e ofícios de solicitação) e; 2 - documentos audiovisuais/publicidade.

Segundo Mestre Cebola e Formando Zudu os Jogos da Movimentação Capoeira tem dois objetivos centrais, o primeiro consiste na realização de uma confraternização entre os membros das diversas filiais que a APMC tem espalhadas em cidades dos estados do Piauí e do Maranhão; já o segundo objetivo tem por intenção avaliar o processo de ensino e aprendizagem, dentro do período de um ano, que tem como marco inicial e final o próprio evento em questão. Essa avaliação acontece em pelo menos três dimensões: 1 – avaliação individual do capoeirista; 2 – avaliação de cada filial; 3 – avaliação de todo o grupo.

As atividades a serem realizadas eram duas: a primeira era um aulão de movimentos de Regional que foi lecionado por Mestre André (GUC) e a segunda era a primeira rodada das

eliminatórias da competição. O *aulão* de Mestre André focou muito em movimentos de ataque e defesa, principalmente, em movimentos de queda, o que já revela um clima de competição<sup>54</sup>.

O cronograma de atividades que é desenvolvido para atingir esses objetivos se divide em: *aulão*, batizado, troca de cordas, formatura de graduados, em destaque, de formandos (Professor Mortal e Professor Víbora) e competições de música e de jogo de capoeira. Diferente dos dados que coletei, no auxílio que prestei ao Mestre Jabiraca para o evento do GMC, não obtive informações necessárias sobre os mecanismos de organização que conduzem a realização dessas atividades, em especial, da regulamentação da competição.

Sabia, no entanto, que essa competição era exclusiva para a participação dos membros da APMC. Esse dado me chamou atenção por que no cartaz, assim como, nos convites que produzi para a publicidade, os elementos que deveriam ficar em destaque eram as fotos e os dados dos capoeiristas de outras *bandeiras* que foram convidados para participar do evento: Professor Romário da Escola de Capoeira Mestre Bobby (ECMB), Professor Negão e Instrutor Capitão Caverna do Grupo de Capoeira Arte Secular (GCAS); Mestre Ulisses Centauro do Grupo Alforria Capoeira (GAC); Professor Bizonho da Associação Cultural de Capoeira Escravos Brancos (ACCEB); e Mestre André do Grupo União Capoeira (GUC) de Fortaleza – CE<sup>55</sup>.

Na APMC cada categoria representa e é representada por um objeto da capoeira e/ou por uma personalidade histórica, segundo Mestre Cebola, essa é: *a forma que achamos de manter vivos os personagens que realmente lutaram por algo importante, é uma homenagem*. Formando Zudu corrobora com a afirmação de Mestre Cebola, ao dizer que:

A gente procura sempre, valorizar as histórias do nosso Brasil, do nosso povo, da contribuição que é feita. O fim do reconhecimento é este. Bimba é o criador da Capoeira Regional, Esperança Garcia, foi a primeira mulher advogada negra do

---

<sup>54</sup> Devido ao pouco espaço que tinha para participar do *aulão*, resolvi ficar conversando com Mestre Cebola, Formando Zudu e Professor Mortal (que agora é Formando). Nesse momento tive acesso ao regulamento da competição e pude compreender como a APMC organiza essa atividade e um ponto interessante, que tem ligação com o conteúdo do *aulão* e com a forma que os capoeiristas devem se comportar em um jogo desse campeonato é referente à gestão da violência. A gestão da violência tanto nas prerrogativas de conduta do evento realizado pelo GMC e também esse da APMC era um item bastante enfatizado. Todavia, não queria dizer que os jogos não deveriam ter contato, pelo contrário, o contato deveria ser, malicioso, mandingueiro, sem golpes traumatizantes.

<sup>55</sup> Os convidados tinham cinco funções: 1 – Serem juízes na competição (tirando minha pessoa); 2 – batizar capoeiristas que iriam pegar a primeira graduação, corda amarela; 3 – Entregar a premiação para os ganhadores; 4 – auxiliar na roda, tocando e cantando; 5 – e jogar nas rodas abertas.

Estado do Piauí e Mestre Pastinha foi o criador da Capoeira Angola, e por ai vai [...] (Formando Zudu. Entrevista concedida ao autor no dia 02 de abril de 2020).

Assim, as categorias são ordenadas da seguinte maneira: categoria instrumento de capoeira (categoria iniciante que vai da corda crua até corda amarela/sexo masculino e feminino); categoria Mestre Pastinha (categoria aluno masculino que vai da corda amarela e laranja até a corda laranja e azul), categoria Esperança Garcia (categoria aluna feminina que vai da corda amarela até corda laranja e azul); categoria Mestre Bimba (categoria de graduados, masculina e feminina, que vai da corda azul até a corda marrom).

As únicas graduações que não participaram da competição foram a de formando e a mestre, e nesse sentido Formando Zudu diz:

[...] Ainda não teve os primeiros jogos com inclusão da categoria formando na Movimentação Capoeira, possivelmente próximo ano vai ter. Porque até o ano passado o único formando do grupo era eu, o primeiro formando, agora tem mais dois, nesse ano vai ter mais um. Então vai fechar uma chave, de quatro formandos, aí possivelmente a gente vai competir ano que vem (Formando Zudu. Entrevista concedida ao autor no dia 02 de abril de 2020).

Existia uma divisão bem clara no que diz respeito ao ritmo de competição de cada categoria, que era realizada em jogos de aproximadamente 30 a 40 segundos. Essa divisão era feita da seguinte maneira, ritmos jogados pelas categorias não graduadas e ritmos jogados pela categoria de graduado. As categorias não graduadas se enquadravam nas categorias de iniciante e de aluno (masculino e feminino), que realizavam jogos apenas sob o ritmo de São Bento Grande de Angola; já a categoria de graduado (masculino/feminino) competia a partir de três ritmos, Benguela, Iúna e São Bento Grande de Angola.

Nos dois campeonatos, nas categorias de graduados, ficavam nítidas as rivalidades que existiam entre os competidores de diferentes *filiais*, e no caso do V Campeonato Norte Nordeste Aberto de Capoeira do GMC, as rivalidades existiam também entre os competidores das diferentes *bandeiras*, e se materializavam em jogos empolgantes, pegados, *maliciosos*, *mandigados* e imprevisíveis.

A competição da categoria aluna avançada feminina tinham apenas três competidoras (o que impossibilitava a realização do mesmo número de jogos para todas) e para resolver a questão uma graduada da Associação Cultural de Capoeira Escravos Brancos (ACCEB) foi convidada para compor essa categoria, mas sem competir. As capoeiristas que estavam nessa competição tinham um nível técnico elevado e por ser uma competição com uma única fase os

jogos foram muito dinâmicos e densos, que empolgaram os membros da roda e do público. Muitos movimentos realizados pelas capoeiristas eram movimentos de ataque e contra-ataque que tecnicamente operacionalizados apenas demonstravam que a excitação estava alta, e que a qualquer momento, a violência poderia levar a um jogo de *pancadaria*.

Na rodada final da categoria Mestre Bimba do V Jogos da Movimentação Capoeira, os jogos foram realizados de maneira alternada para que todos os capoeiristas jogassem entre si nos três ritmos (Benguela, Iúna e São Bento Grande de Angola). Nos jogos dos ritmos de Benguela e Iúna, aconteceram dois encontros entre os Instrutores Alho e Lelê e com o desenvolvimento dos jogos, o segundo a partir de sua técnica se sobressaiu em relação ao primeiro. Em determinado momento o embate corporal ficou mais intenso entre os dois, com a execução de movimentos de ataque e defesa que realmente tinham a intenção de acertar e/ou derrubar. Essa “pulsão” ou “excitação” se desdobrou em uma tentativa frustrada do Instrutor Alho de imobilizar o Instrutor Lelê por meio de um movimento de queda que em um contra-ataque foi ao chão e deslocou seu ombro.

Observa-se que por mais que a violência venha sofrendo um policiamento mais rígido através do que Elias e Dunning (1992) chamam de “discursos ou práticas normativas, poderes mais ou menos institucionalizados e mecanismos de autocensura ou de autocontrole” (ELIAS, 1992), o conflito ainda é presente nos jogos de capoeira e podem se desencadear em jogos de contato, na *pancadaria*. Tanto na categoria aluna avançada do campeonato promovido pelo GMC quanto na categoria Bimba (graduado) os jogos eram legislados pelo regimento da competição e também eram realizados por capoeiristas de graduações equiparadas, no entanto, os conflitos que podem gerar a *pancadaria* podem ocorrer entre capoeiristas que estão distantes dentro da hierarquia. Nesse sentido, o conflito institucionalizado não evita que se exista o conflito físico entre os capoeiristas, nem os conflitos simbólicos, ocasionados por uma série de fatores.

Um conflito simbólico que ainda persiste dentro da realidade do GMC, da ACMC e da “comunidade da capoeira de Teresina”, oriundo de um conflito estrutural presente na vida social brasileira, possui relação com o gênero. Nas duas competições as categorias femininas não estavam inclusas dentro das categorias de graduados, sendo que no campeonato do GMC a categoria feminina mais elevada foi a que foi descrita, a de aluna avançada e nos Jogos da Movimentação Capoeira a categoria feminina mais alta foi aquela denominada de Esperança Garcia, de aluna intermediária, que vai até a corda verde e azul, sendo que a primeira corda de graduado é azul.

O gênero é relativamente um tabu, que dificulta o acesso de mulheres e LGBTQI+ as graduações mais altas, as posições com poder de organizar e tomar decisões, de comandar a roda, de puxar um treino, de tocar, de cantar etc. porque são segmentos marginalizados por não estarem dentro de um padrão heteronormativo. As mulheres e a população LGBTQI+ posicionados dentro da “comunidade da capoeira de Teresina” como um segmento marginal da margem, encontram maiores dificuldades em se *auto-legitimar*, tendo muitas vezes seus trabalhos invisibilizados, porém, não excluídos de maneira definitiva.

Assim como Elias e Dunning (1992), me proponho a pensar a integração e o conflito não como pólos opostos de uma dualidade, mas como dimensões que são construídas coemergentemente nas relações estabelecidas entre os indivíduos em diferentes “situações sociais” ou como é delimitado pelos dois autores, “configurações sociais”. Por exemplo, ao mesmo tempo em que Mestre Cebola afirmou que objetivo do evento era promover a confraternização da ACMC, os jogos foram constituídos por uma série de conflitos físicos e simbólicos. Certos segmentos são marginalizados por seu gênero, mas ainda assim atuam e influenciam na constituição dessa comunidade, como o campeão da categoria Mestre Bimba, Instrutor Lelê que se *auto-identifica* como homossexual e coordena uma filial em Barão do Grajaú-MA.

Os dois eventos além de promoverem competições de capoeira também eram compostos, como foi exposto em linhas anteriores, pelo batizado e pelas trocas de corda. Após a solenidade de abertura, que contou com a execução do hino nacional acompanhado pelo som da bateria de capoeira<sup>56</sup>, Mestre Cebola deu início ao batizado e trocas de cordas. Fui convidado para batizar um dos alunos, mas não me senti a vontade para isso, e minha maior contribuição durante todo o evento foi auxiliar na bateria. Ficar na bateria me deixou em uma posição privilegiada, onde pude observar com amplitude as relações que aconteciam em todo o espaço do palco. O ritual de batizado e de trocas de cordas foi relativamente parecido aos que eu tinha vivenciado quando era capoeirista do Grupo Muzenza de Capoeira (GMC), sendo que no batizado, o ápice da performance é quando os alunos que estão em processo de iniciação levam uma investida de um graduado, que pode lhe levar ao chão, caracterizando ou sua iniciação

---

<sup>56</sup> Como de costume em várias competições esportivas, por exemplo, em jogos e olimpíadas escolares, que tomam de empréstimo, de sua maneira, elementos simbólicos e materiais dos jogos olímpicos internacionais (MEDEIROS; RIOS; RIBEIRO; TAVARES; VARNIER, 2012), foi realizada uma solenidade de abertura para dar início às competições do campeonato do GMC. Foi realizado um desfile dos competidores (deram uma volta de 360º graus ao redor da quadra), que ao final se posicionaram em filas que representavam e eram compostas por competidores das distintas categorias do campeonato e foi executado o hino nacional acompanhado pelo toque dos instrumentos que compõem a bateria de capoeira.

como capoeirista. Já as trocas de cordas subsequentes ao batizado acontecem por meio do recebimento das cordas e de jogos entre os capoeiristas com a mesma graduação.

Mas o que mais me chamou atenção foi à formatura de formando do Professor Mortal<sup>57</sup>. Para iniciar o ritual, Mestre Cebola chamou um capoeirista de cada graduação (esses capoeiristas deveriam ser alunos do Professor Mortal, contudo, como ele não tinha alunos de todas as graduações, Mestre Cebola chamou outros capoeiristas aleatoriamente) para fazer uma roda envolta do referido professor. Nesse momento Mestre Cebola explicou, além de falar dos feitos do Professor Mortal dentro da ACMC, que nesse ritual, o futuro Formando deve jogar com um capoeirista de cada graduação, para lembrar sua trajetória como capoeirista, e ainda, para perceber as responsabilidades que carregaria ao passar para aquele novo ciclo. Depois dessa fala de Mestre Cebola foi realizada a roda de formatura, e ao final, Professor Mortal foi legitimado pela ACMC e pelos presentes como o mais novo formando do grupo.

Procurei ao longo do capítulo construir um relato etnográfico abordando as relações estabelecidas pelos capoeiristas das duas *bandeiras* em diferentes “situações sociais”, que revelaram como os *fundamentos* e os “mecanismos de organização” afetam e são afetados nessas relações. A atual perspectiva que é estruturada pelas relações contemporâneas da “comunidade da capoeira de Teresina” procuram cada vez mais gerir a violência nos jogos de capoeira por meio dos campeonatos e, para organizar um campeonato de capoeira as *bandeiras* elaboram regimentos, que orientem a ação dos capoeiristas, no entanto, as demandas que surgem em cada “configuração social” fazem com que esses regimentos sejam revistos e reconfigurados.

A “comunidade da capoeira de Teresina” se caracteriza pela pluralidade, multiplicidade, autonomia e/ou independência das *bandeiras* que a compõem, que se constituiu historicamente a partir de relações conflituosas. Com o decorrer do tempo esses conflitos foram geridos a partir da institucionalização das *bandeiras* e da adoção e/ou criação de *fundamentos* e “mecanismos de organização” que orientam as relações entre os capoeiristas e os grupos da “comunidade da capoeira de Teresina”.

---

<sup>57</sup> Por motivos pessoais Professor Víbora não pode comparecer a formatura, que foi realizada no evento de Barão do Grajaú, organizado pelo Professor Mandrac.

#### 4. CONCLUSÃO

Nesse estudo procurei analisar como as relações se estabelecem em um processo contínuo e dinâmico, construindo e reconstruindo cotidianamente a “comunidade da capoeira de Teresina” a partir da análise das relações sociais conflituosas. De maneira geral, as relações foram analisadas sob a ótica do conflito, que como uma categoria analítica recobre as categorias nativas, sem excluí-las ou substituí-las. A ideia de utilizar o conflito como fio condutor para a compreensão das relações entre os capoeiristas em Teresina surge a partir da emergência ao longo da pesquisa de categorias como *pancadaria*, jogos de contato, competições nas inúmeras narrativas que dizem sobre a violência na capoeira de Teresina. A capoeira nessa cidade foi se constituindo a partir de intensos conflitos entre os diferentes segmentos, contudo, somente após o processo de institucionalização dos grupos que o conflito começou a ser gerido.

Ao adentrar cada vez mais na realidade do GMC e da ACMC pude perceber a complexidade, as múltiplas formas, os motivos, os *modus operandi*, os mecanismos de interação que saltavam das relações estabelecidas entre os capoeiristas desses grupos com outros segmentos da capoeira em Teresina. A capoeira começa a emergir nesse contexto por meio de pequenos “coletivos de capoeira” e as relações que se estabeleciam entre os segmentos nesse processo de emergência estavam relacionados aos processos de *autoafirmação* individual e coletiva por meio da *pancadaria*, que a partir de uma série de processos segmentares, segmentação ou *parceria*, possibilitou o surgimento dos primeiros grupos.

A organização sociopolítica da “comunidade da capoeira de Teresina” não se constitui a partir de um “sistema de linhagem”, de um ordenamento hierárquico entre os grupos, de um extenso “grupo de descendência”, mas por meio de processos segmentares contínuos e reversíveis, onde cada segmento que surge se *auto-identifica* como autônomo e/ou independente.

Os processos segmentares que configuram o “sistema de linhagem da Capoeira Angola” também são reversíveis, no entanto, a diferença consiste no processo de legitimação do novo segmento. Para ser considerado como um grupo de capoeira angola, esse “coletivo de capoeira” deve, por meio do *apadrinhamento* e da *filiação*, se inserir e adotar os *fundamentos* de uma linhagem já consolidada, o que caracteriza esse processo de legitimação como interno a “comunidade de *angoleiros*”, já no caso dos novos grupos que surgem em Teresina, o processo

de legitimação acontece de maneira externa, sendo o grupo legitimado pela comunidade no qual está inserido e desenvolvendo seu trabalho.

Para relativizar a categoria grupo, optei por utilizar a categoria *bandeira* para corroborar com a perspectiva de que cada segmento tem esse caráter autônomo e/ou independente e para demonstrar como são escolhidos, adotados ou construídos os *fundamentos*, os “mecanismos de organização” e/ou mecanismos de interação que compõem os instrumentos normativos da organização dessas “unidades sociais”, que nesse processo de institucionalização se constituíram como gerenciadores de conflitos.

O *sistema de graduação* é um desses instrumentos normativos que emergiu para organizar hierarquicamente os capoeiristas, distribuindo direitos e deveres a cada graduação. Em resumo, gerenciou os conflitos ao atuar como instrumento normativo utilizado para ordenar as relações informais e formais dentro dos grupos em diferentes “situações sociais”, por exemplo, nos treinos, nas rodas, nos campeonatos. No entanto esses instrumentos normativos não dão conta do complexo jogo de relações que se estabelece entre os indivíduos, que tornam esses elementos passíveis de modificação de acordo com as demandas que surgem em cada nova “situação social”.

Os campeonatos de capoeira surgem como um importante elemento gerenciador dos conflitos, como foi exposto no tópico 3.3, sendo a principal perspectiva, que atua como norma, a gestão da violência. O fato de o capoeirista ser eliminado ao agredir intencionalmente o outro competidor, inibe o uso da força ou de golpes traumatizantes, em suma inibe a *pancadaria*, no entanto, como foi visto, não a elimina por completo.

Esse trabalho teve como principal objetivo refletir sobre como a “comunidade da capoeira de Teresina” se constitui a partir das relações estabelecidas no contexto da capital do Piauí. Verificou-se que as relações se caracterizam, em grande parte das “situações sociais”, como relações conflituosas que criaram, criam e recriam a multiplicidade de formas de idealizar e praticar capoeira e agir dentro da “comunidade da capoeira de Teresina”.

Nessa perspectiva, procurou-se contribuir para um estudo sobre a capoeira onde o conflito não aparecesse como sinônimo de desordem, pelo contrário, o conflito, a gestão do conflito, são importantes mecanismos de organização ou mecanismos de interação que marcam a organização social e política da referida comunidade, possibilitando a contínua reconstrução dos elementos que a caracterizam como uma comunidade singular da capoeira.



## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, J; PASSOS E. **Cartografar é habitar um território existencial**. In: ESCÓSSI, L; PASSOS. E; KASTRUP, V. (Orgs). **A Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- BRITO, C de. **A transnacionalização da capoeira angola: uma etnografia sobre a geoeconomia nativa**. 2015. 315 f. Tese de doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- \_\_\_\_\_. **A roda do mundo: a capoeira angola em tempos de globalização**. Curitiba: Appris, 2017.
- CALDAS, A. **Valentia e Linhagem: valores sociais em negociação e mudança entre os capoeiristas**. 2012. 222 f. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2012.
- CRESSONI, F. E. de G. **Capoeira contemporânea: compreensões decorrentes de mestres autodeclarados**. 2013. 145 f. Dissertação de mestrado em Ciências da Motricidade – Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (UNIP), Rio Claro, 2013.
- DAS; POOLE. **El estado y sus márgenes: Etnografías comparadas. Cuadernos de Antropología social**. Santa Fé, n. 27, p. 19-52, 2008.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 3, Ed. 34, Rio de Janeiro, 1997.
- DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba-PR, n. 24, p. 213-225, 2004.
- DUMONT, L. **Homo Hierarchicus: O sistema de castas e suas implicações**. São Paulo, SP; EDUSPI, 2008.
- FONSECA V. L. **A Capoeira Contemporânea: antigas questões, novos desafios**. Rio de Janeiro: Recorde: Revista de História do Esporte, p. 1-30, 2008.
- FRAVET-SAADA. **Ser afetado**. Cadernos de campo, nº 13. Rio de Janeiro, 2005.
- FRIGERIO, A. **Capoeira: da Arte Negra a Esporte Branco**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1989.
- GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997.
- GOLDMAN, M. **Segmentaridades e movimentos negros nas eleições de Ilhéus**. *Mana*: Rio de Janeiro, p. 57-93, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Como funciona a democracia: Uma teoria etnográfica da política**. Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2006.
- GLUKMAN, M. **Análise de uma situação social na Zuzulândia moderna**, IN, FELDMAN-BIANCO, B. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo, Ed. Global, 1987.

LEACH, E. R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia: Um Estudo da Estrutura Social Kachin.** São Paulo, SP: EDUSP, 2014.

MAGNANI, J. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole** In:

MAGNANI, J. G. C; Torres, L de L (Orgs.) **Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana.** EDUSP, São Paulo, 1996.

MARCUS, G. **Etnografíaen/del sistema mundo. elsurgimiento de laetnografía.** México: Alteridades Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa, 2001.

MEDEIROS, A. RIOS, F. VARNIER, T. RIBEIRO, E. TAVARES, O. **Rituais escolares: notas sobre jogos e olimpíadas como Rituais.** Rev. Educ. Fis/UEM, v. 23, n. 2, p. 217-227, 2. trim. 2012

NETO, Marcelo de Sousa. **“Entrando na roda”:** História e memória da capoeira em **Teresina-PI (1970-1990).** Vozes, Pretérito & Devir. Teresina, Ano 1, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2013.

KUSCHNIR, K. **Antropologia da política.** São Paulo – SP: Passo a passo, 2007.

REIS, L. V. de S. **O jogo de identidades na roda de Capoeira paulistana.** Ponto Urbe. São Paulo, n. 13, p. 1-11, 2013.

SEAMPLAM. **Diagnóstico da violência na região de Lagoas do Norte, com foco na população juvenil.** PINHEIROS: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016.

SILVA, R. C. **As narrativas dos mestres e a história da capoeira em Teresina /PI: do pé do berimbau aos espaços escolares.** Doutorado em História da Educação – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2012.

SOUSA, **Grupo Muzenza: um estudo em performance no Jogo da capoeira.** Universidade Federal do Pará, 2014.

TEDIM, P. **Manual do Treinamento Funcional.** Viana do Castelo: Instituto Educacional de Viana do Castelo, s/a.

MENEZES, A. **Regulamento Interno do Grupo Muzenza de Capoeira.** Curitiba, s/a.

WAGNER, Roy, **Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné? Cadernos de Campo,** São Paulo, 2010.